



Universidade de Aveiro
2018

Departamento de Comunicação e Arte

**Tânia Filipa Carvalho
Resende**

**DIVULGAÇÃO DA CULTURA AVEIRENSE ATRAVÉS
DA ILUSTRAÇÃO**



Universidade de Aveiro
2018

Departamento de Comunicação e Arte

**Tânia Filipa Carvalho
Resende**

DIVULGAÇÃO DA CULTURA AVEIRENSE ATRAVÉS DA ILUSTRAÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design realizada sob a orientação científica do Dr.^a Graça Magalhães, Professor auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

.

o júri

Presidente

Prof. Doutor Luís Nuno Coelho Dias

Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Arguente

Prof. Doutor Noémia Cristina Herdade Gomes

Professor Auxiliar da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Orientadora

Prof. Doutor Graça Maria Alves dos Santos Magalhães

professora auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família, ao meu pai Adelino Resende, à minha mãe Ana Bela Resende, à minha irmã Daniela Resende e à minha avó Judite de Carvalho pelo apoio, tempo disponibilizado e acompanhamento dado ao longo desta etapa.

Agradeço ao Fábio Cruz, por toda a ajuda, incentivo, apoio, pelas discussões e melhoramento de ideias.

Agradeço também a todas as pessoas amigas que de uma forma ou de outra contribuíram para a criação, desenvolvimento e conclusão desta Dissertação. Expresso a minha gratidão ao Museu de Aveiro. Em especial ao Exmo. Sr. Diretor José António Christo por toda a amabilidade e por me ter fornecido documentos e livre acesso ao Museu, algo imprescindível para a pesquisa desta Dissertação.

Por fim, agradeço à Professora Doutora Graça Magalhães que aceitou o meu projeto e sempre me acompanhou e orientou com enorme dedicação e sinceridade.

palavras-chave

Ilustração, Desenho, Cultura, Literatura, Crianças

resumo

Este trabalho de dissertação propõe um estudo teórico-prático acerca da “Divulgação da Cultura Aveirense através da Ilustração”. O seu propósito será perceber, em termos metodológicos, qual o alcance do Desenho e, em particular, da Ilustração na tradução das lendas e costumes da cidade de Aveiro. Considerando o Desenho como um fator favorável à investigação na identificação e interpretação de aspetos sociais e culturais que estão na origem do reconhecimento de valores individuais e particularmente dos mais novos. Ao ter como público-alvo as crianças, considera-se a Ilustração como a disciplina capaz de perceber qual a linguagem visual que melhor comunicará as *histórias* da cidade de modo a que as crianças conquistem conhecimento acerca daquilo que as envolve e desse modo conheçam melhor o mundo que as rodeia.

Metodologicamente trata-se de um estudo teórico- prático. Do ponto de vista teórico considera-se a ilustração a partir de fatores semelhantes e dissemelhantes em relação ao Desenho, prosseguindo a sua contextualização no âmbito infantil.

À pesquisa teórica está agregado um projeto prático de nome *Histórias de Aveiro*. Dele fazem parte três ilustrações infantis acerca de três lendas da cidade de Aveiro: *Lenda de Santa Joana Princesa*, *Lenda do Moliceiro* e *Lenda de S. Gonçalinho*, bem como um packaging para o mesmo.

keywords

Illustration, Drawing, Culture, Literature, Children

abstract

This dissertation proposes a theoretical-practical study about the "Dissemination of the Aveirense Culture through Illustration". Its purpose will be to understand, in methodological terms, the scope of the Drawing and, in particular, Illustration in the divulgation of the legends and customs of the city of Aveiro. Considering the Design as a favorable factor to the investigation in the identification and interpretation of social and cultural aspects that are in the origin of the recognition of individual values and particularly of the young ones. By targeting children, Illustration is considered as the discipline capable of perceiving which visual language better communicates the stories of the city so that children gain knowledge about what surrounds them and thereby better understand the world around them.

Methodologically, this is a theoretical-practical study. From the theoretical point of view, it is considered the illustration from similar and dissimilar factors in relation to the Design, continuing its contextualization in the infantile scope. To the theoretical research is added a practical project named Stories of Aveiro. Three children's illustrations of three legends from the city of Aveiro include: Legend of Santa Joana Princesa, Legend of Moliceiro and Legend of S. Gonçálinho, as well as a packaging for them.

Índice

Introdução

i) Pertinência	1
ii) Objetivos Gerais	1
iii) Objetivos Específicos	1
iv) Estrutura	2
v) Metodologia	2,3

Parte I _ Enquadramento Teórico

1. Ilustração e Cultura

1.1 Contextualização da Ilustração	7
1.2 Ilustração como meio de divulgação da cultura	15
1.3 O impacto da ilustração no meio infantil	17
1.4 A valorização do território aveirense através da ilustração	19

Parte II _ Investigação pela prática

2. O projeto Histórias de Aveiro

2.1 Levantamento e 'estado de arte' da Ilustração Infantil	25
2.2 Histórias e tradições da cidade de Aveiro	29
2.3 Considerações para a construção do briefing do cenário de projeto	30

3. Execução do projeto Histórias de Aveiro

3.1 Início do projeto	31
3.2 Esquissos e esboços	31
3.3 Formatos: cortantes, paginação e tipografia	34
3.4 Packaging	36
3.5 Proposta final - coleção Histórias de Aveiro	38
3.6 Estratégia e planeamento de divulgação	40

Considerações finais	41
----------------------	----

Desenvolvimentos Futuros	42
--------------------------	----

Referências bibliográficas	43
----------------------------	----

Anexos, Apêndices	45
-------------------	----

Introdução

i) Pertinência

Tratando esta dissertação da “Divulgação da Cultura Aveirense através da Ilustração” o propósito da mesma será perceber qual o melhor método a adotar para que os costumes da cidade de Aveiro sejam transmitidos aos mais novos. Este surgiu da problemática existente na cidade que é a falta de conhecimento e a falha da transmissão da cultura aveirense no meio infantil. Devido à escassez de documentação explicativa e descritiva sobre as tradições e costumes da cidade e pelo facto das existentes serem maioritariamente desprovidas de interesse e pouco conhecidas as crianças tem pouco acesso e conhecimento sobre o meio onde vivem.

Sendo as crianças de hoje os adultos de amanhã, estes terão o papel de dar continuidade às tradições, pois é através do tempo e da sua prática que elas enriquecem e sobrevivem com o passar dos anos.

Desta forma percebemos que é bastante importante que os mais novos compreendam e vivenciem os costumes do meio onde habitam para estes não desaparecerem e para que continuem a ser praticados no futuro. No entanto, para que isso aconteça é necessário fornecer e criar novas formas de divulgação atrativas para as crianças conseguirem entender as tradições e costumes da cidade. Como resultado, surge a Ilustração. Sabendo que esta é algo muito presente e imprescindível na educação e desenvolvimento cognitivo infantil é considerada uma forma bastante lúdica de aprendizagem e que, neste caso, estando aliada ao tema de tradições e costumes

seria uma forma bastante mais chamativa de transmitir esse mesmo tema às crianças, divulgando e promovendo a cidade de Aveiro.

ii) Objetivos Gerais

O objetivo geral da dissertação será descobrir de que modo é que o Desenho e a Ilustração, em particular, pode contribuir para a disseminação dos costumes tradicionais Aveirenses, especificamente, no meio infantil. Para isso, será necessário perceber qual a linguagem visual dirigida às crianças e tentar perceber como é que esta irá influenciar o seu desenvolvimento cognitivo, tentando compreender do ponto de vista formal quais os instrumentos e imagens mais adequados – questão cromática, suportes a utilizar – e do ponto de vista dos conteúdos – quais as melhores estratégias para levar as crianças a interessarem-se pela cultura da qual fazem parte.

iii) Objetivos Específicos

Sendo o objetivo geral da dissertação tratar o Desenho e em especial a ilustração, contribuindo para a disseminação dos costumes tradicionais Aveirenses no meio infantil estará associada à mesma o objetivo específico de projetar as “Histórias de Aveiro” onde serão tratadas visualmente três das lendas mais emblemáticas da cidade.

Para além da contextualização da ilustração, consideraremos o impacto na aprendizagem infantil, como meio de divulgação da cultura Aveirense e como ferramenta de valorização do território e da cidade de Aveiro, como meio de abordagem da

parte prática da dissertação.

Na parte prática, como referido anteriormente, estará agregado o projeto “Histórias de Aveiro”, tratando-se de uma coleção de três livros ilustrados para o público-alvo das crianças. Estarão representadas as lendas de Santa Joana Princesa, a Lenda do Moliceiro e a História de S. Gonçálinho.

Estas lendas foram escolhidas por serem das mais conhecidas e estarem ligadas a festividades importantes da cidade retratando a cultura tradicional de Aveiro.

A Lenda de Santa Joana Princesa, retrata a vida da princesa de Portugal, filha de D. Afonso V e irmã de D. João II, princesa essa que se tornou a padroeira da cidade que, para além de todo o culto e festividades que lhe estão associadas, está também ligada ao Museu e antigo Convento de Jesus.

A Lenda do Moliceiro que não tratando somente do barco moliceiro (agora turístico), trata também das casas típicas da Costa Nova, assim como do sal da Ria de Aveiro. Nesta lenda são retratados três símbolos importante da cidade de Aveiro, sendo estes, hoje a imagem de Aveiro para o resto do país e do mundo.

A terceira lenda retratará a vida de S. Gonçálinho.

Independentemente deste Santo ser da cidade de Amarante, a cidade de Aveiro, especificamente o Bairro Beira-Mar, presta-lhe um grande culto, à muitos anos. Adorado pela cidade de Aveiro, S. Gonçálinho está associada a uma das maiores romarias da cidade, onde acontece

a conhecida tradição do arremesso de cavacas do cimo da capela à qual foi atribuída o nome do Santo.

iv) Estrutura

Entendemos que a Ilustração é algo quase que imprescindível na educação e desenvolvimento do conhecimento das crianças, considerada como ferramenta didática e visual por todos os educadores e familiares para explicar, esclarecer e transmitir informações aos mesmos.

O estudo aqui realizado está dividido em quatro partes que passo a apresentar:

No primeiro ponto abordo teoricamente a contextualização dos temas Ilustração e Cultura. Sendo estes os dois temas de maior relevância nesta dissertação é necessário compreender o seu significado, relacionando Ilustração e Desenho. Seguidamente é abordada a Ilustração Infantil e qual a sua importância na aprendizagem infantil.

A dissertação agrega um projeto que é uma coleção de Livros Infantis Ilustrados, onde são transmitidos os costumes e tradições de Aveiro às crianças. Para tal há a necessidade de compreender qual a importância da ilustração no desenvolvimento cognitivo infantil assim como ela é capaz de funcionar como ferramenta para a divulgação da cultura e a valorização do território Aveirense.

No segundo ponto foram introduzidas as questões prévias e aspetos subjacentes ao projeto "Histórias de Aveiro".

Inicialmente falo do que já há no mercado da Ilustração Infantil,

desde os inícios à ilustração feita nos dias de hoje, utilizando também exemplos de ilustrações ligados à divulgação de histórias de Aveiro, apresentando várias obras de vários ilustradores. Seguidamente são contextualizadas as lendas e histórias mais mediáticas da cidade, retratando então as lendas de Santa Joana Princesa, lenda do Molicheiro e a de S. Gonçálinho. Posteriormente é feito um levantamento das oportunidades de divulgação dos costumes aveirenses através da ilustração e consequentemente a construção do briefing do projeto.

No terceiro ponto é apresentado o projeto "Histórias de Aveiro", ou seja, tudo o que envolve a sua execução, construção, realização e por fim concretização. Neste ponto colocarei todo o processo e todas as etapas necessárias à construção da coleção de livros. Primeiramente são apresentados os esboços, construção das personagens, escolha de cores e motivos a ilustrar. Passando então para a paginação do livro assim onde estão presentes o layout e respetiva paginação, apontamentos de tipografia, cortantes e respetivo encadernamento.

Seguidamente é apresentado o packaging e seus respetivos esboços, medidas e cortantes. Concluindo este ponto com a estratégia e planeamento de divulgação do projeto apresentando várias oportunidades de colaboração e patrocínios. No último ponto são feitas as conclusões finais assim como retratados possíveis desenvolvimentos e evoluções do projeto no futuro.

v) Metodologia

Esta dissertação tem como tema a ilustração como ferramenta de divulgação dos costumes e tradições Aveirenses e o objetivo de perceber qual a melhor maneira de se utilizar a ilustração infantil permitindo às crianças desenvolverem o seu conhecimento sobre a cidade de Aveiro.

Para além da pesquisa e do desenvolvimento teórico à dissertação está agregado um projeto prático de nome Histórias de Aveiro.

Trata-se de uma coleção de livros onde estão representadas, visualmente, três lendas de Aveiro. Tendo como propósito captar a atenção e transmitir os costumes da cidade às crianças surgiu a ideia de criar esta coleção de livros ilustrados que favorecerá tanto a aprendizagem como o desenvolvimento cognitivo e social, sendo que estes livros foram produzidos para enaltecer a leitura partilhada entre pais e filhos assim como também a de professores e educadores.

Portanto, neste trabalho é abordado teoricamente a ilustração e cultura como dois grandes temas a serem tratados e explorados. A primeira parte, sendo os temas estudados teoricamente, a metodologia de pesquisa é feita através do levantamento de artigos, documentos e livros sobre os temas a tratar, citando e desenvolvendo a pesquisa e argumentação de forma a justificar a importância da ilustração na promoção dos costumes aveirenses.

Na segunda parte, dedicada ao projeto prático, primeiramente foi

feito um levantamento das lendas da cidade de Aveiro e, de entre elas, foram escolhidas três. Sendo elas a Lenda de Santa Joana a Lenda do Moliceiro e a Lenda de S. Gonçálinho.

Após selecionadas, foram feitos esboços para encontrar a linguagem gráfica a utilizar.

Tendo sido opção, a realização dos livros feitos, somente, a partir de imagens, sem presença de texto, foram precisas várias experiências para se chegar a uma imagem que conseguisse transmitir

a história de uma forma eficiente, contínua e clara. Depois de serem feitos os esboços, foram também realizados estudos de cor e de materiais, dando lugar à pintura, em aquarela, e lápis de cor, das imagens finais.

Seguidamente foi trabalhado o layout do livro, em si (parte textual), e feita a encadernação.

Depois dos livros estarem terminados, foi criado um packaging para os mesmos.

Dado serem uma coleção, foi criada uma embalagem onde estão presentes os livros, o apoio textual e a imagem de marca do projeto.

Parte I_ Enquadramento Teórico

1. Ilustração e Cultura

1.1 Contextualização da Ilustração

Quando se fala em Desenho relaciona-se automaticamente a uma representação gráfica constituída por pontos, linhas e/ou planos (formas) que são realizadas sob uma superfície com o auxílio de várias ferramentas.

Sendo assim, desenho é o meio visual de representação algo bi ou tridimensional variado no tema, na técnica, nos materiais e suportes usados.

O Desenho não é só visto como a mãe de todas as Artes desde o Renascimento, é considerada também a técnica artística mais tradicional através de revoluções e agitações estéticas.

A mais antiga de todas as formas de Arte continua fielmente ligada ao papel como suporte da figura e ao lápis, carvão, aquarelas e a outros materiais.

Acrescentando – é considerado como a forma de expressão artística mais imediata: como forma de manifestação temperamental.

(Schröder, 2015, Drawing Now p.6)

Dizendo em poucas palavras, o desenho pode ser considerado o ato de produzir uma imagem de uma forma manual¹ com a ajuda de vários elementos ou substâncias.

Um desenho pode ter várias aparências, tanto pode representar o real, como ser abstrato ou simbólico, ou seja, pode ser fiel e efetivamente próximo da realidade como pode simplesmente ter como objetivo criar sensações ou expressar algo que o desenhador queira transmitir.

Segundo os autores no livro *Drawing Now* (2007), o desenho depende de um processo físico

físico e direto, isto é, depende da relação entre a mão, o material e suporte usados.

É referido que o desenho comunica de uma forma particular conseguindo construir uma narrativa e comunicar por si só. O desenho joga com a aparência e está dependente daquilo que vemos, pensamos e imaginamos, controlando e sendo controlado à medida que a imagem surge e se modifica.

Esta coleta tem acesso a milhões de imagens existentes nos vários pontos da mente e baseando-se nisto, o desenhador tem a capacidade de comunicar pela imagem, resultado daquilo que vivenciou, imaginou ou pensou.

" *Drawing is putting a line round an idea*" (Henry Matisse in GOOD OLD DRAWING G.O.D. p.19)

Sendo assim, podemos considerar que o Desenho é um processo primário de comunicação e que através dele o ser humano consegue exprimir os seus sentimentos, experiências de vida, ideias e conhecimento.

O Desenho, sempre foi algo presente em toda a História, desde as pinturas rupestres gravadas nas paredes das grutas, na época da pré-história, onde a população tinha a necessidade de representar através da imagem todas as suas vivências, maioritariamente episódios vividos no quotidiano, na caça ou entidades religiosas até aos dias de hoje, onde existem milhões de imagens associadas a uma série de assuntos e tipologias diferentes. Percebe-se então que o Desenho desde o início sempre teve o propósito de documentar ou registar algo, no entanto, com o evoluir dos tempos foi sendo associado a outros fins, como por

exemplo, à finalidade técnica quando começou a haver necessidade de produzir maquinaria estando este aliado à pesquisa, estudos e planeamentos em várias áreas, nomeadamente à Ciência e à Filosofia, ou, à finalidade presente na Arte em geral, desde as comuns pinturas até aos edifícios arquitetónicos de todo o mundo.

Como tal, o ato de desenhar sempre esteve presente no quotidiano humano, em diferentes áreas, tendo como propósito ilustrar o conhecimento, a consciência e a perceção do mundo.

Segundo Elsy Lahner no livro *Drawing Now* (2015) o Desenho é onipresente, desde os primeiros traços feitos pelas crianças, pictogramas, banda-desenhada ou esboços de algum artista podendo estes ser feitos com um lápis ou digitalmente. O Desenho é considerado um meio aberto a todos e é isso que o distingue de outros tipos de arte visual fazendo com que o seu potencial e versatilidade seja continuamente explorado pelos artistas. Deste modo, o desenho é então a representação das experiências vividas pelo homem e a perceção do que está em seu redor.

Ao longo dos meados do século XX o Desenho passou a funcionar como uma ferramenta de representação usando algumas técnicas da prática artística pelo que o seu entendimento disciplinar e processual foi totalmente revolucionado. Independentemente da questão que o Desenho ser considerado um meio artístico, ao invés de este ser considerado somente

¹ Neste trabalho de dissertação tomaremos a manualidade como condição associada ao desenho. Referir-nos-emos sempre ao desenho através dessa condição.

como parte integrante no processo de criação de formas de arte como a pintura e escultura. O Desenho continua a iludir qualquer classificação fixa e para muitos é visto como uma atividade e não como um meio. Segundo Katherine Stout no seu artigo *Contemporary Drawing from the 1960's to Now* (2014) o Desenho coexiste frequentemente no seio da prática artística. Conjugado com outras formas de arte e escondido nos "bastidores" dos estúdios, o Desenho é uma ferramenta extremamente flexível para os artistas que procuram uma nova linguagem. Este oferece várias alternativas de experimentação e prática de formas mais "simples" de arte como a banda-desenhada, arte gráfica e caricaturas assim como pode acompanhar áreas mais específicas e complexas como a matemática, mecânica e arquitetura. Sendo assim, os artistas apercebem-se que através da sua manualidade conseguem o seu próprio reconhecimento técnico e expressivo independentemente das áreas praticadas. Ao longo do século XX percebe-se que a "arte moderna" não implica obrigatoriamente o esquecimento das técnicas utilizadas no passado, sendo criadas novas formas de arte, através de processos que antes se vinham fazendo. O Desenho é tão apelativo por ser sempre, ou quase sempre, a técnica que predominantemente era a base de todos os estilos e tendências artísticas. Neste, predominam as características da espontaneidade, a experimentação, a criatividade,

simplicidade e expressividade dando a oportunidade ao artista de mostrar a sua visão pessoal e trabalhar livremente. Para além destas características o Desenho era considerado também uma das técnicas mais económicas e produtivas. Sendo assim, o Desenho deixa de ser apenas utilizado como uma ferramenta da prática ao ser uma forma dos artistas demonstrarem as suas capacidades no regime académico e passou a dar-se mais importância à criatividade e espontaneidade. Este passou a ser muito mais do que a prática dos modos e estilos da representação da realidade visível e passou a estar agregado a um estudo do ponto, da linha, da perspetiva, proporção, cor, enquanto elementos de uma gramática visual própria, isto é, a um método racional de investigação e observação. Falando de alguns artistas que marcaram a modernidade e mesmo a contemporaneidade, e com ela o significado de rutura com o passado, temos por exemplo Robert Raunschenberg, em 1953 com a sua obra *"Erased de Kooning Drawing"* que teve como objetivo de apagar a obra de Willem Kooning, resultando numa folha monocromática. Este justificou a sua obra declarando que o importante era a intenção que o tinha levado a realiza-la, neste caso o ato de a querer apagar, relacionando isso com o ato físico da sua mão. Outro exemplo é a obra realizada por Joseph Beuys *"The Difficulty of Producing an Egg"* em 1968. Segundo Bernice Rose, no livro *Allegories of Modernism* (1992), todo o trabalho de Beuys foi com o intuito enaltecer o processo do



Robert Raunschenberg,
Erased Kooning Drawing, 1953
Grafite em Papel
(25 1/4 x 21 3/4 x 1/2 ; 64,1 cm x 55,2 cm x 1,3 cm)



Joseph Beuys,
The Difficulty of Producing an Egg, 1968,
Grafite em Papel
(25,4 cm x 26 cm)

Desenho numa obra artística. Para o artista, o desenho era visto primeiramente como uma ferramenta da concepção de conceitos, uma forma de expressar o que lhe ia na alma, e uma forma de expressão da liberdade. Fazendo então do Desenho um instrumento que criasse uma dialética entre a vida e a arte. Assim, o Desenho passou a ser considerado um meio relacionado com a criação e materialização do pensamento. Sendo este considerado da família das três grandes artes, Pintura, Escultura e Arquitetura, o Desenho é uma espécie de ideia de todos os objetos existentes na natureza e a partir deste julgamento é criada uma concepção e julgamento e quando formada na mente do artista e expressa pelas mãos poderá ser denominado Design. Neste âmbito, o Desenho, ou o Design, são entendidos não só como um processo físico mas também como uma declaração e expressão visual da concepção interior daquilo que imaginaram e deram forma. Relacionando a habilidade técnica com a capacidade intelectual de conceber um desenho resultando posteriormente a forma visual, a ideia, o Desenho é então percebido como a habilidade de materializar a concepção do pensamento muitas vezes realizado de forma espontânea e sem interrupção. Posto isto, independentemente de estilo e autobiografia não significarem o mesmo, o Desenho mantém a sua autoridade e autenticidade e certifica que a mão do artista é considerada das formas mais primárias de geração

e expressão de ideias. Sendo assim, o Desenho é considerado um dos principais elementos da linguagem contemporânea e trabalha uma enorme variedade de formas. Segundo Bernice Rose no livro *Allegories of Modernism: Contemporary Drawing* (1992) hoje, o Desenho não é visto apenas como um veículo para a autoexpressão dentro da estrutura plenamente realizada de formas autoexplicativas; nem é um termo que significa um conjunto de regras que projetam uma visão racionalista do mundo. Chris Draper no livro *Good Old Drawing G.O.D: A Hundred Illustrators, Artists and Cartoonists who Believe in Drawing* (2012) diz que uma das facetas mais importantes no ato físico do desenho de observação é que encoraja as pessoas a perceberem o mundo onde vivem através do estudo e compreensão através do questionamento visual. Chegando então à conclusão que o Desenho é das formas mais puras de expressão e é algo que sai tão espontaneamente como falar ou escrever e sendo assim, o artista tem a capacidade de através desta ilustrar e criar visualmente aquilo que pensa e que quer comunicar aos que o rodeiam.

Visto que o desenho tem como propósito ilustrar algo, o Desenho e a Ilustração serão a mesma coisa? *"Drawings are the short stories of visual art"* (Rauhause, in in GOOD OLD DRAWING G.O.D. p.19)

Há muito que prevalece a questão da diferença entre a ilustração e o Desenho. Muitas pessoas pensam que uma ilustração é um desenho e que o desenho é o mesmo que uma ilustração. Acontece que, independentemente de estas serem duas áreas que se complementam não são necessariamente a mesma coisa. Anteriormente percebemos que o desenho é uma representação gráfica dependendo do processo físico entre a relação da mão com o matéria e suportes usados com o intuito de representar algo ou simplesmente criar sensações e sentimentos às pessoas. Este pode ter várias finalidades, podendo representar figurativamente, de forma abstrata, tecnicamente e a ilustração poderá ser considerada uma das inúmeras aplicações do Desenho. Contudo, nem toda a ilustração pode ser considerada um desenho. A Ilustração geralmente é vista como uma imagem podendo ter um carácter abstrato ou não, no entanto, a imagem criada possui um carácter explícito e o seu intuito é acrescentar informação, nivelar, decorar ou representar algo visualmente, geralmente um texto. Segundo Jaleen Grove no seu artigo *Evaluating Illustration Aesthetically* (2011), a ilustração foi criada com um propósito utilitário, isto é, esta serve para acompanhar e comunicar algo. Sendo assim, a ilustração é sobre comunicar através de estratégias visuais fazendo com que o público capte mais rapidamente a informação que se quer transmitir, relacionando a mensagem com o que visualmente se quer transmitir.

Muitos defendem, assim como o Desenho, que a ilustração surgiu no momento em que os caçadores cravavam nas paredes das grutas os seus episódios de caça, outros são da opinião que a ilustração são apenas imagens que acompanham um texto, outros limitam a ilustração a imagens com caráter narrativo e figurativo, no entanto, todos concordam que a ilustração entrou na sua absoluta e mais reconhecida forma no início do séc. XIX com o desenvolvimento do papel e da impressão em série. Com o desenvolver dos mass media, várias pessoas estavam expostas às mesmas ideias e aos mesmos conceitos. A própria noção de mass media remete-nos para a contrariedade do pormenor e da individualização, contrariando a autenticidade do Desenho.

Posto isto, as ilustrações estavam frequentemente ligadas a certos assuntos e conceitos fazendo com que a ilustração tivesse a sua própria cultura visual e audiência. Foi então no século XIX que a Ilustração começou a ganhar força e nome com o aparecimento da Litografia em 1830 e mais tarde, já em 1850 a Xilogravura que permitiu a produção de livros e revistas ilustrados mais económicos. Surgindo então também a Cromolitografia que veio impulsionar as Belas Artes e anúncios pictóricos como por exemplo se viu nos Estados Unidos, devido à Guerra Civil, tendo esta estimulado a produção e divulgação de notícias ilustradas.

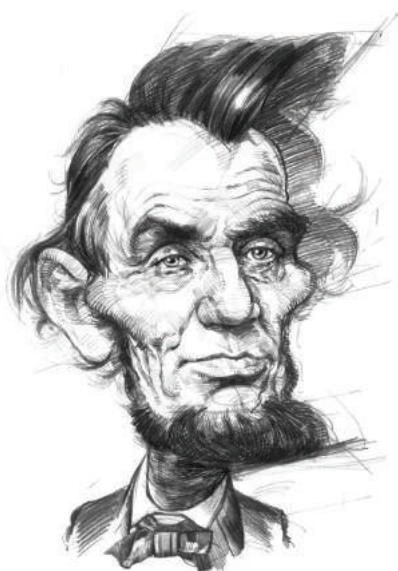
Nas primeiras décadas do século XX, a impressão era o meio mais utilizado na comunicação

e a ilustração era tanto ou mais utilizada do que a fotografia, fazendo com que os ilustradores vivessem e fossem remunerados como tal. Nos meados do século XX (anos 50), devido ao fecho de muitos estúdios, começaram a trabalhar como freelancers e a ilustração passou a ser muito mais conceptual e experimental. Com o decorrer dos anos, chegando ao século XXI, com o aparecimento dos new media, houve uma espécie de renascer no mundo da ilustração.

Os ilustradores encontraram novos caminhos na área da animação e nome no mercado criativo, rejuvenescendo a indústria fazendo com que a ilustração florescesse nas Belas Artes e no Design.

Contrariando um pouco a arte moderna que está em constante mudança e à procura de novas formas para se expressar e de inovar, a ilustração manteve-se de certo modo, entre o passado e futuro, preservando e até utilizando formas antigas com o propósito de criar algo novo. Não pondo de lado a sua evolução, na ilustração nunca se deixou de adotar certas técnicas e sempre preservou toda a sua história e as várias maneiras de criação.

Jaleen Grove afirma que o velho pode ser atualizado em algo novo e que às vezes a ilustração citou e popularizou a arte avant-garde. Mesmo assim, a ilustração nunca deixou de evoluir, muito pelo contrário. Sendo os ilustradores livres de escolher e usar diferentes meios, materiais e suportes para a execução de uma ilustração faz com que esta estivesse e esteja em constante ascensão.



Tony Heale,
Lincoln,
Carvão em Papel



Beatrix Potter,
The Tale of Peter the Rabbitt, 1901,
Aguarela em Papel

Como já foi anteriormente referido, a ilustração tem um carácter comunicativo, isto é, tem como propósito comunicar um conceito e através de estratégias visuais transmitir e representar visualmente uma mensagem que está, maioritariamente, agregada a um título, instruções, narrativa ou texto.

Partindo da comunicação visual, a ilustração tem como objetivo predispor nas pessoas fazendo com que estas criem ligações com as imagens e que entendam a mensagem que é transmitida. Posto isto, percebemos que a ilustração diferencia-se de outras disciplinas, nomeadamente do desenho, através do seu carácter comunicativo e representativo dando lugar a uma série de diferentes especializações e géneros. Isto é, a ilustração é uma apresentação com carácter referencial e representativo pois tem uma condição narrativa prévia, normalmente textual. Enquanto o Desenho tem um carácter muito mais intuitivo, espontâneo e a originalidade

é uma característica primordial, na ilustração a inovação dependerá sempre da natureza do próprio projeto e o que é pretendido pela audiência. Muitas vezes, a mensagem a ilustrar é fortalecida através de técnicas que o ilustrador utiliza. Com isto, percebemos que a ilustração não valoriza uma obra simplesmente pelo seu cariz experimental e espontâneo mas também pelo seu grau de comunicação. Contrariando o Desenho, que é algo que flui naturalmente onde o artista, no decorrer da feitura da obra, não procura a eficiência comunicativa

com o público mas sim o encontro final com ele através da percepção da obra.

A ilustração utiliza uma enorme variedade de técnicas e estilos dependerá do ilustrador utiliza-las ou simplesmente ir contra elas, sempre de acordo com aquilo que é suposto transmitir e para que audiência se destina. Por exemplo, no caso da Ilustração Científica, se o ilustrador tiver que ilustrar uma gaivota, o ilustrador sabe que terá que a representar de acordo com escalas, cores e proporções respeitando o carácter realista da mesma. Já na Ilustração Infantil, se o ilustrador tiver que representar uma gaivota, poderá ou não ilustra-la de uma forma realista, podendo representar o animal de uma forma diferente, por exemplo, podendo esta aparecer vestida ou ser de cor vermelha no entanto, preocupando-se sempre com a sua eficácia comunicativa perante o público, que neste caso seriam as crianças.

Temos por exemplo as ilustrações de Beatrix Potter, falando especificamente do seu livro infantil mais conhecido, a fábula "*The Tale of Peter the Rabbitt*" publicado no ano de 1901 onde as personagens são animais e a principal é um pequeno coelho de nome Peter que apesar de estar graficamente realista reúne outras características que levam ao imaginário das crianças, como por exemplo as suas vestes, diálogo entre outros animais etc. Outro exemplo no mundo da ilustração, temos o cartoonista britânico Tony Healey conhecido pelas suas expressivas caricaturas, sendo muitas delas de celebridades ou entidades importantes, como por exemplo a de Abraham Lincoln onde as suas

feições são retratadas de forma bastante exagerada e expressiva, salientando a trama feita a carvão. Desta forma, concluímos que o Desenho e a ilustração são áreas distintas.

Independentemente de estas terem uma base semelhante e de se complementarem, devido à sua manualidade e desejo de representação – os seus propósitos são diferentes.

Independentemente de o Desenho ter como objetivo representar algo visualmente, tem um cariz livre estando diretamente ligado à materialização do pensamento através da mão do artista. Isto é, aquilo que o artista transporta para o suporte é, através da percepção, diretamente mediado por ele. A ilustração tem um carácter diferente.

Independentemente de o ilustrador, partilhar desse desejo de liberdade, ele estará condicionado ao tema ou ao conceito que está por trás da imagem podendo ser um texto, tema ou título. O ilustrador terá a condição de transmitir uma mensagem, normalmente, condicionada pela eficiência junto de um determinado público, contrariando então a espontaneidade do desenho. Ao passo que no desenho o artista tem a liberdade de adotar quaisquer técnica ou estilo. Na ilustração, o ilustrador terá que entender qual a essência do projeto e para que tipo de audiência se direciona para poder escolher qual a técnica mais adequada para a eficiência da ilustração. No entanto, são vários os materiais e técnicas que se podem utilizar na Ilustração, desde o simples carvão, à

à complexidade da aguarela, o ilustrador tem a capacidade de escolher e adaptar várias técnicas e materiais mediante o programa do projeto.

O programa projetual, geralmente, está relacionado com o tipo de audiência para que é destinado e como tal o ilustrador terá que ter em conta os aspetos técnicos para poder desenvolver a ilustração de forma adequada, independentemente das diferenciações que podemos ter da Ilustração, nomeadamente a Banda-Desenhada, Ilustração Editorial e Publicações, Ilustração de Anúncios, Embalagens e a Ilustração Infantil. Cada uma delas tem uma série de aspetos que as caracteriza e distingue umas das outras.

Falando agora particularmente na Ilustração Infantil sabe-se que o objetivo do ilustrador é auxiliar e adicionar conteúdo ao ato de contar uma história, para que se consiga idealizar e situar a mesma num espaço. Graças a esta, as crianças têm a capacidade de poder imaginar toda a história de uma forma muito mais fácil e criativa, podendo também ajudá-las a terem uma percepção do mundo onde se encontram, visto que a Ilustração tem também um objetivo educacional. Sendo assim, podemos considerar que o ilustrador tem como função influenciar e sensibilizar emocional e sensorialmente os mais pequenos e que, através das suas ilustrações pode dar-lhes exemplos que irão ajudar a perceber os sítios, objetos e pessoas que as rodeiam e que os tenham como exemplos do seu quotidiano. Nos livros infantis, as ilustrações têm como função atrair e cativar o público,

traduzindo uma mensagem e apresentando visualmente o que está a ser contado no livro. Através de diferentes técnicas, cores e materiais utilizados, a criança tem a capacidade de captar informação muito mais rapidamente facilitando a sua aprendizagem, desenvolvendo então a sua cultura visual e fortalecendo a sua capacidade de análise crítica.

Como exemplo, temos as ilustrações de Amanda Hall no livro *Brother Giovanni's Little Reward: How the Pretzel Was Born* escrito por Anna Egan Smuckler (2015) onde se conseguem ver as expressivas e vibrantes ilustrações de Amanda. Com inspiração medieval, a ilustradora transmite imagens realistas jogando com cores bastante vivas com o uso de motivos decorativos como o filigrana e florais ornamentando assim as páginas do livro. Relativamente ao âmbito da Literatura, já há muito que a ilustração deixou de ser apenas um complemento figurativo e passou a ser um elemento necessário e indispensável, principalmente quando se fala em Literatura Infantil. Desta forma,

o ilustrador tem o papel de narrar o texto de uma forma clara mantendo o seu significado de modo a que seja uma leitura fácil e espontânea ao longo do livro. Para isso, é necessário que o ilustrador encontre uma linguagem gráfica que vá de acordo com a do seu recetor. Por exemplo, as crianças têm uma capacidade de imaginação e abstração muito superior quando comparada a um adulto pois elas têm uma cultura visual muito menor, daí caber ao ilustrador

entender esses processos e criar ilustrações eficazes que permitam o desenvolvimento cognitivo e percetivo dos seus recetores. Segundo Marta Sofia Diogo Ribeiro na sua Tese de Mestrado *Do Desenho à Ilustração Infantil* (2011) relativamente aos livros infantis estes maioritariamente estão divididos por diferentes faixas etárias estando de acordo com o desenvolvimento intelectual e físico da criança. Primeiramente surgem os livros direcionados às crianças mais pequenas que geralmente estão entre os 1 e os 5 anos de idade. Estes são livros apenas com imagens com histórias mais simples, onde os ilustradores apostam nas cores e texturas para captar atenção das mesmas. Depois, surgem os livros que para além de serem compostos por imagens começam por introduzir as letras e algumas palavras simples, sendo estes orientados para as crianças que estão a começar a aprender a ler e a escrever sendo que maior parte deste tipo de livros existe no mercado focados no apoio à aprendizagem do alfabeto e da matemática. Posto isto, a criança começa a desenvolver a sua capacidade de leitura sendo os livros primeiramente lidos pelos pais e depois pelas crianças quando estas aprendem a ler e escrever, podendo depois ter acesso a livros mais complexos quer a nível de imagem quer a nível da narrativa.

Quando se fala de Ilustração, principalmente na Literatura, ligamos automaticamente a um livro com uma história ou narrativa onde estão agregadas imagens, tendo estas o objetivo de ilustrar o que acontece no texto no



Amanda Hall,
Brother Giovanni's Little Reward: How the Pretzel Was Born, 2015.
Técnica Mista,
(10cm x 9,50cm)

entanto, surgem algumas questões.

E se for um livro somente com imagens? Continuará a ser um livro se não contiver texto?

Segundo Anna Ridley no seu artigo *Books Without Words* (2014) um livro sem palavras cria-nos uma espécie de sensação de falha demonstrando que falta algo na forma puramente visual da literatura. No entanto, quando nos desligamos do texto e damos oportunidade às imagens de comunicar é notável perceber o quanto estas podem falar e transmitir por si só, sem qualquer adição de palavras ou texto. Para isso, o ilustrador terá que optar por uma abordagem inovadora no que toca às imagens que está a criar pois terá que produzir ilustrações que sejam suficientemente claras e expressivas para que estas possam transmitir por si só a informação desejada. Para tal, existem várias técnicas e métodos que os ilustradores podem adotar nas suas criações. Segundo Perry Nodelman, citado no artigo *Books Without Words* de Anna Ridley (2014) no seu livro *Words About Pictures: The Narrative Art of Children's Picture Books* (1990), as imagens acabam sempre por ser de certa forma ambíguas, contrariando as palavras que são claras e explícitas, no entanto, como foi referido anteriormente, as palavras e as imagens não precisam de estar constantemente agregadas e as imagens podem falar e comunicar por si só. São vários os métodos utilizados para tal e que vão variando entre técnicas e opiniões dos ilustradores.

Muitos estão de acordo que as imagens têm que ter uma sequência conectada, dando como exemplo

a banda-desenhada que transmitem detalhadamente a história através dos quadrados ilustrados, que por muitas vezes são produzidas sem a presença dos comuns balões de texto. Outros ilustradores utilizam o espaço das folhas do livro criando ligação entre as páginas do mesmo através de elementos ilustrativos que se interligam e para esse resultado as ilustrações precisam de se guiar explicitamente o leitor para o decorrer da história.

Para além destes métodos há ilustradores que optam por criar imagens ambíguas dando a possibilidade de o leitor imaginar e criar a sua própria história. Dando o exemplo de Madalena Matoso no seu livro *Et Pourquoi Pas Toi?* Em que como não existe uma história específica ela desenha uma série de hipóteses em que o leitor pode jogar com as mesmas e baseando-se somente no título do livro pode dar asas à sua imaginação e criar o enredo da narrativa.

Para além destas técnicas aqui referidas, existem também muitos ilustradores que não acreditam que um livro somente composto por imagens possa transmitir uma narrativa na sua totalidade e acaba por ser sempre necessário acrescentar algumas palavras para guiar o leitor.

Pequenas frases descritivas ou até um diálogo simples são alguns dos apoios textuais utilizado para tal com o objetivo de guiar e esclarecer o leitor durante a leitura do livro em questão.



Madalena Matoso,
Et Pourquoi Pas Toi? 2011,
Técnica Mista,
(19,5cm x 22cm)

1.2 Ilustração como meio de divulgação da cultura

Como se pode conferir, são inúmeras as técnicas de ilustrar e comunicar histórias através de imagens e para que o leitor consiga decifrar devidamente a mensagem a transmitir dependerá dos meios e técnicas que o autor decida abordar. Posto isto, percebemos então que a Ilustração, principalmente quando ligada à literatura é um fator bastante forte e importante na aprendizagem das crianças e que há uma grande divulgação de livros ilustrados mesmo sem palavras. Estes demonstram ser ferramentas eficazes no processo da educação infantil, desde que forneçam âncoras, restrições ou ajuda necessárias para concentrarem as mentes dos mais novos numa leitura significativa e crítica das imagens. Anteriormente chegámos à conclusão que o Desenho e a Ilustração embora sejam áreas semelhantes, há aspetos que as diferenciam uma da outra. Sendo que a ilustração possui um carácter mais informativo preocupando-se sempre com a eficácia do trabalho contrariando o espírito livre e espontâneo presente no desenho, percebemos que poderá ser um fator positivo no que toca à aprendizagem principalmente no meio infantil. Aliando a ilustração à literatura é criada uma ferramenta fulcral para o desenvolvimento mental e cognitivo dos mais novos, dando-lhes meios eficazes para a aprendizagem, desenvolvimento pessoal e para entenderem melhor o mundo que os rodeia e em que estão inseridos.

Quando falamos em cultura referimo-nos à produção humana, isto é, tudo o que o ser humano já construiu e que pode ser transmitido, ensinado e aprendido. Sendo assim, a cultura é algo que pode ser ensinado e deve ser aprendido pelas novas gerações pois são estas que estão encarregues de a preservar.

Portanto, a cultura está relacionada com os valores de um grupo e que é vivenciada pelos indivíduos.

Cultura é o conjunto de manifestações artísticas, linguísticas, comportamentais e sociais podendo dizer-se então que a esta é a agregação de formas e expressões que caracterizam, no tempo, uma determinada sociedade. Pelo conjunto de formas e expressões inclui-se os costumes, crenças, práticas comuns, normas, regras, rituais e maneiras de ser que predominam na população que as integra.

Ao tratar do conceito de cultura, a sociologia procura perceber os aspetos aprendidos que o ser humano, em contacto social, adquire ao longo da sua convivência.

“Cada povo tem uma cultura própria. Cada sociedade elabora a sua própria cultura e recebe influência de outras [...]. Desde que nasce um indivíduo é influenciado pelo meio social em que vive.” (Oliveira, in Geraldo e Carneiro, 2016, p. 3)

Sendo que a cultura é um fator relevante para os seres humanos, o ideal é que desde cedo as pessoas adquiram conhecimento da mesma de modo a criarem interesse e desenvolverem-na ao longo da sua vida pois esta

desempenha um papel bastante importante na formação do indivíduo social e criticamente. A cultura influencia sobre vários aspetos o desenvolvimento das crianças, quer a nível percetivo, quer a nível cognitivo, repercutindo-se social e individualmente. Sendo esta uma questão de elevada importância para o desenvolvimento do ser humano, o objetivo é perceber qual a maneira de o transmitir, neste caso, às crianças.

“Como transmitir os valores culturais de Aveiro e suas respetivas tradições a crianças?”

Partimos do entendimento alargado de cultura, considerada como tudo o que, relacionado com ele e a natureza, o ser humano produziu até ao dia de hoje e que é passado às novas gerações que terão o dever de o preservar e transmitir às gerações futuras.

Deste modo, concluímos que a cultura é algo que influencia vivamente o desenvolvimento pessoal da criança. Sendo assim é muito importante que desde cedo os jovens adquiram conhecimento acerca da cultura onde vivem pois será a partir da mesma que irão identificar em que meio se inserem, que valores são praticados nele, como devem de agir, pensar e como se irão formar e desenvolver como pessoa no futuro.

Sendo assim, no ser humano, o período de aprendizagem é fundamental para o seu desenvolvimento.

Esse período, que ocorre fundamentalmente, entre o nascimento e a puberdade, é durante esses anos que a criança irá desenvolver e apurar os seus sentidos e a percepção que tem do mundo em seu redor. Segundo António Ferreira Geraldo e Neri de Paula Carneiro no seu artigo *A Cultura no Processo do Ensino e Aprendizagem da Educação Infantil* (2016), da formação histórico-cultural fazem parte os valores, relacionamentos afetivos, desenvolvimento motor e cognitivo da criança e essas dimensões jamais devem ser excluídas do desenvolvimento do saber, pois são na verdade as bases do conhecimento de todo o ser humano. Através de interações com a família ou pessoas chegadas, a criança irá desenvolver todos esses aspetos e quando chegar à idade escolar carregará já a sua história de vida que será o conjunto dos seus conhecimentos e a base de desenvolvimento e criação da sua identidade social. Percebemos então que o meio cultural onde a criança se insere funciona como uma espécie de formação prévia da criança. Todos os conhecimentos que recebe a partir de relações entre família ou outras crianças possibilitarão a formas de pensar, agir e comunicar no mundo e perceber o que os rodeia. Nesse sentido a criança é um ser em construção e ao longo da sua vida irá desenvolver-se e criar a sua própria identidade. A sua aprendizagem será feita através de momentos de atividades individuais e coletivas e esta deverá possuir características que se adaptem à criança.

Ainda no mesmo artigo é apresentado que a vida infantil contém uma série de particularidades, no seu desenvolvimento motor, cognitivo e físico, pois a percepção e o modo de construção do saber e agir é diferente do adulto, o que faz com que as crianças necessitem de uma educação adequada, devendo esta ser feita de uma forma lúdica e recreativa de modo a que lhes capte a atenção e que seja prazeroso para elas. Como vimos anteriormente parte da educação infantil começa com a interação entre a criança e a família, seja através de diálogo, brincadeiras e outras atividades. Uma dessas atividades pode ser a leitura de livros. Os livros são um ótimo recurso no que toca ao desenvolvimento da aprendizagem da criança e a leitura partilhada entre pais e filhos é uma das atividades que mais agrada o seio familiar. Para além de criar laços entre os mesmos, cria a possibilidade às crianças de aprenderem através dos livros mesmo antes de saberem ler. É a partir desta consideração que decidimos considerar a ilustração nesta proposta de trabalho de investigação. A maioria dos livros utilizados na leitura partilhada, para além de serem indicados para crianças contém ilustrações pois permitem às crianças terem uma noção do que estão a ler/ouvir e conseguirem imaginar e referenciar a história em questão. Segundo Jessica S. Horst e Carmen Houston-Price no artigo *Editorial An Open Book: What and How Young Children learn from picture and Story Books* (2015) ouvir e ver as

ilustrações de histórias de livros infantis amplifica a aprendizagem e desenvolve no geral o conhecimento das crianças e permite-lhes compreender o mundo onde vivem e promove o desenvolvimento da fala e comunicação com os outros. O conhecimento que as crianças adquiram a partir dos livros proporciona-lhes a captação de mecanismos sociais e cognitivos que reforçam a sua aprendizagem. Desta forma concluímos que é essencial que as crianças tenham desde cedo conhecimento da cultura onde se inserem. Para além de ser um fator bastante importante para o seu desenvolvimento pessoal é também algo que influenciará muito a sua educação e aprendizagem. Aprendizagem esta que deverá ser realizada de uma forma adequada e cuidada mediante as particularidades da infância. Para isso, vemos a ilustração como algo positivo e relevante a inserir na educação infantil. Esta possui várias características necessárias ao desenvolvimento cognitivo e social e, quando aliada à literatura, é um fator quase indispensável para a aquisição de conhecimento por parte das crianças.

1.3 O impacto da ilustração no meio infantil

Previamente reconhecemos que a ilustração aliada à literatura infantil é algo eminente para o desenvolvimento mental e social no crescimento das crianças. Segundo Hana Hladíková no seu artigo *Children's Book Illustrations: Visual Language of Picture Books* (2014) os livros ilustrados são essenciais para o desenvolvimento e criação de habilidade para as crianças serem bem-sucedidas tanto na escola como no futuro. Para Hana estes funcionam como uma ferramenta para encorajar as crianças a lerem por elas próprias mesmo que inicialmente sirvam para introduzir e explicar o mundo de uma forma mais compreensiva antes destas aprenderem a ler. Isso acontecerá também pela prática da leitura partilhada entre pais e filhos como vimos anteriormente. Sendo uma atividade bastante praticada pelas famílias, é algo que fortalece os laços familiares e ajuda as crianças a acostumarem-se com novas palavras e vocabulário através de referências verbais e visuais, desenvolvendo assim a sua capacidade linguística e social, ajudando-os também a descobrirem a sua identidade pessoal e a sua relação com os outros.

No artigo *Editorial An Open Book: What and How Young Children learn from Pictures and Story Books* (2015) Jessica S. Horst e Carmem Houston-Price apresentam uma série de testes feitos com livros ilustrados. Estas focam-se na natureza destes livros, nos seus atributos e no que as crianças conseguem adquirir através dos mesmos, proporcionando-lhes interações

e experiências durante a leitura partilhada. Estas exploram como as mudanças nos atributos das histórias infantis influenciam a interação entre os adultos e as crianças.

Numa primeira experiência as autoras basearam-se em Greenhoot, A. F., Beyer, A. M. e Curtis, J. no artigo *More than pretty pictures? How Illustrations affect parent-child Story Reading and children's Story recall* (2014) e entregaram livros infantis ilustrados e não ilustrados para serem lidos a crianças entre os 3 e os 4 anos de idade. No final, chegaram à conclusão que as histórias ilustradas levavam a mais trocas verbais e não-verbais entre os pais e as crianças durante a leitura partilhada, fazendo também com que as crianças se lembrassem melhor do contexto da história.

Baseando-se em Williams, S. E e em Horst, J. S. no livro *Goodnight book: the benefit of sleep consolidation on word learning via storybooks* (2014) os autores do artigo perceberam que o ato de leitura antes da hora de dormir originava mais eficácia na aprendizagem de novo vocabulário pois explorava o benefício do sono.

Numa terceira experiência focada nas interações entre os leitores e o material de leitura, as autoras basearam-se em dois artigos: *Japanese mother's utterances about agents and actions during joint picture-book Reading* (2014) de Murase, T. e *Exploring Story grammar structure in the book Reading interactions of african american mothers and their preschool Children: a pilot investigation* (2014) de Harris, Y e Rothlein, S. E., onde tratavam as

diferenças de leitura partilhada. Para o estudo usaram mães afro-americanas e mães japonesas. O objetivo era descobrir como as crianças e os seus pais interagiam com a história e entre eles mesmos durante a leitura partilhada. No decorrer desta experiência verificavam que cada mãe possuía uma estratégia comum: perguntas sobre as personagens. Inicialmente, as mães focavam-se em dar informação às crianças e depois durante a leitura faziam perguntas chegando à conclusão que as perguntas feitas pelas mães estavam positivamente relacionadas com o vocabulário das crianças. No final destas experiências chegaram ao consenso que os livros ilustrados são um potencial recurso e que aliando a educação, linguagem, psicologia e as ciências de comunicação formam um enorme alicerce na aprendizagem infantil. Através destas experiências poderemos dizer que está clarificada a importância da utilização da ilustração na transmissão de informação e aprendizagem na educação infantil. Sendo assim, a pertinência desta dissertação e do trabalho de projeto a que está associada far-se-á através da proposta de uma coleção de livros infantis ilustrados onde estarão representadas três lendas da cidade de Aveiro. Para além do objetivo de fazer com que as crianças percebam um pouco mais da região de Aveiro e seus costumes, as lendas enquanto ato de narrar têm uma forte relevância, ao longo dos tempos, no que toca a aprendizagem e educação.

Como vimos anteriormente, a leitura partilhada e o ato de contar histórias é uma atividade bastante apreciada pelas famílias mas também uma atividade oral onde as histórias são recordadas pelas crianças de um modo eficaz por estas terem um papel participativo nas mesmas. Para além de decorrerem numa sequência de tempo as histórias, muitas vezes, contêm uma estrutura temática. Estrutura essa que está maioritariamente ligada a contos de fadas, mitos ou lendas. Falando especificamente sobre as lendas, estas são histórias ou mitos tradicionalmente transmitidos pelo povo, não possuindo nenhum autor identificado e que são passadas de geração em geração ao longo dos tempos. Uma lenda pode sofrer modificações e muitas das vezes possui diferentes versões. Estas normalmente têm uma conotação fantasiosa onde são explicadas tradições e através das quais se passam juízos morais para dar aos ouvintes ou leitores conselhos de como devem agir ou comportar-se. Segundo Phan Thi Hong Nhung no seu artigo *Folktales as a Valuable Rich Cultural and Linguistic Resource to Teach Foreign Language to Young Learners* (2016) desde cedo são contadas a todas as crianças de todas as partes do mundo lendas e histórias do seu país ou região pela família e professores. Histórias, especialmente as lendas, estimulam a imaginação e oferecem material para as crianças criarem o seu conhecimento e perceção da origem do mundo e formar conceitos abstratos e valores que os guiem. Estas histórias

permitem-lhes visualizar o mundo fora das suas casas e ajudam-nos a compreender o que é certo e errado e qual a melhor maneira de agir. Através das lendas, as crianças aprendem os valores familiares, trabalho, amizade, fé, respeito, amor e as consequências de atos que não se devem ter. Descobrimo assim a sua identidade, responsabilidades e qual o papel que querem desempenhar na vida. As lendas desenvolvem a imaginação e o pensamento criativo dando a oportunidade às crianças, enquanto leem ou ouvem, de usufruírem da beleza do imaginário e de aprenderem a ler ou escrever ao mesmo tempo. Fazendo com que estas formem também as suas opiniões, acerca da própria história, desenvolvendo assim o seu espírito crítico e lógico. Através deste tipo de histórias a aprendizagem das crianças torna-se muito mais prazerosa e divertida, resultando de uma captação mais eficiente e rápida. Segundo Pham Thi Hong Nhung durante vários estágios do desenvolvimento cognitivo infantil, as crianças estão ativamente ligadas ao processo de dar sentido e significado às coisas para formarem o seu conhecimento. As lendas fornecem situações em que as personagens interagem e comunicam entre si, como fazem as pessoas no mundo real. As crianças ao ouvirem, verem ou lerem estas situações aplicam-nas no seu dia-a-dia. Ainda segundo o autor as histórias tornam-se ainda mais úteis quando são utilizadas como um meio e transmissão e conhecimento cultural. Ensinar o idioma ou a falar envolve a cultura, dela

fazendo parte conhecimento e técnicas necessárias para uma pessoa se inserir socialmente e individualmente num determinado sítio, região etc. Assim sendo, as lendas são fontes de informação cultural e podem ser usadas como ferramenta para o desenvolvimento linguístico, assim como para o conhecimento em geral. As lendas podem possuir dois sentidos, o primeiro geralmente está associado à história sobre um povo ou uma pessoa em particular, o segundo pode ser uma história metafórica que dá sentido a algo que se produz uma determinada cultura, como por exemplo acontece na Lenda do Moliceiro, onde é criada toda uma história fantasiosa para explicar a criação e construção do barco Moliceiro. Estes dois sentidos levam as crianças a ter uma aprendizagem mais aprofundada sobre o sentido das coisas, a criar uma apreciação figurativa e assimilar a natureza de diferentes culturas. Pham Thi Hong Nhung diz que as crianças quando experienciam a leitura de lendas desde cedo criam no seu subconsciente uma ligação das mesmas com as suas experiências de vida, no mundo real, o que as ajuda a dar sentido à vida. Segundo ele, as crianças desenvolvem também a habilidade de interpretar a linguagem figurativa expandindo não só as suas capacidades de pensamento crítico e comunicação mas também formas de linguagem expressivas permitindo-lhes compreender tanto o discurso textual como oral a um nível

1.4 A valorização do território aveirense através da ilustração

muito mais complexo e significativo.

Concluimos, portanto, que as crianças adoram histórias fantasiosas, sendo que as lendas lhes fornecem ferramentas que ajudam o seu desenvolvimento cognitivo e emocional, da aprendizagem do idioma, fala e comunicação. Sendo estas de origem tradicional e passadas de geração e geração, são das formas mais comuns de transmissão cultural. Estando aliadas à ilustração são uma potencial forma de transmissão de cultura aos mais novos, ajudando-os então a compreender as suas próprias origens e da região onde se encontram, desenvolvendo-os como pessoas e futuros cidadãos.

Como transmitir os valores culturais de Aveiro e suas respectivas tradições através da ilustração?

Primeiro é necessário considerar o conceito de região, ser entendida pelo acolhimento de uma comunidade específica, com um modo de vida específico e com um determinado sentimento de pertença a um território. Sendo assim, retomarei a ideia de região, em vários momentos, considerando os aspetos locais da cidade de Aveiro, como referência para a minha pesquisa. Apesar de o termo “região” nos remeter para uma noção de espaço geográfico, excede em muito as limitações de tempo e espaço que lhe são atribuídas. Segundo Alexandre Santos de Oliveira na sua tese de doutoramento *Identidade Cultural e Ensino do Design no Amazonas* (2013), uma região é muito mais do que um conjunto de características geográficas. Para além de elementos naturais como o clima, o relevo, a vegetação, etc., é também importante relacionar a dialética entre o próprio espaço e os processos históricos que modelam os grupos sociais originando então a identidade e exclusividade da região em questão, diferenciando-se a de outros locais através dos componentes como objetos, pessoas, modos de ser, mitos, economia.

“Vizinho do mar, liso como a palma da mão, entretecido de linhas de água doce e salgada, o concelho de Aveiro, onde as mais diversificadas fainas se processam, tinham de ser, como de facto é – é ainda-, embora não o pareça ser aos olhos menos avisados, incomensuravelmente rico do prisma etnográfico e folclórico com a particularidade, nada comum, de semelhante riqueza, longe de apresentar carácter uniforme, diferir de região para região.”
(Sarabando, 1997,p.11)

Aveiro, terra fértil e próspera, banhada pelo mar e pela ria situada no centro norte de Portugal é uma região rica em paisagens, tradições, romarias, monumentos, artesanato e gastronomia. A Ria de Aveiro “ (...)cuja multiplicidade de braços penetrando a cidade lhe confere o epíteto de “Veneza de Portugal” (Lopes e Barreira,1989, Pacheco,p.19), para além de produzir alimento, moliço e contribuir para a biodiversidade local é também grande produtora de sal, o que ajudou a florescer a indústria e a desenvolver o comércio. Sendo assim, deve-se à ria, a grande importância da região, não só pela prática da faina mas também pela agricultura e transporte de comércio marítimo. Pelos canais da ria, circulam os tradicionais barcos da região: os barcos moliceiros, criados tradicionalmente para o transporte de moliço, atividade que quase já não é praticada nos dias de hoje, sendo que os moliceiros, de momento, servem apenas para viagens turísticas e são, imagem e cartão-de-visita da cidade.

Cidade de pescadores, moliceiros, salineiras, marnotos e mestres de navegação, Aveiro tem enraizada em si uma cultura ligada à pesca e ao trabalho nas salinas. Terra de grandes tradições e fé, possui uma história quase milenar, o que a torna uma das regiões mais ricas e interessantes do país. Em terras aveirenses residiu no século XIII a princesa de Portugal, agora padroeira da cidade, Santa Joana Princesa que presenteou a cidade com a sua bondade e os seus milagres, assim como também S. Gonçalo, ternamente tratado pelos aveirenses como S. Gonçalinho. Vindo de Amarante para ajudar e curar doentes, transformou-se num dos padroeiros das maiores romarias da cidade com o lançamento de cavacas da igreja no Bairro Beira-Mar. Terra de boa comida, onde o bacalhau vindo de Ílhavo é apresentado nas mesas, assim como doçaria de origem conventual, como as famosíssimas Barricas recheadas de ovos-moles ou pelas raivas que são um biscoito também bastante conhecido. Aveiro é também cidade relacionada com as Artes, sendo tratada por capital da Arte Nova, em Portugal, onde podemos ver vários edifícios representantes desse estilo com as suas fachadas de azulejo com motivos florais e orgânicos em conjunto com as varandas de ferro forjado. Resumidamente, podemos dizer que Aveiro é uma cidade onde o passado, o presente e o futuro convivem, em constante desenvolvimento, mas também cidade de costumes, práticas e tradições. Quando falamos em tradição automaticamente pensamos em passado e presente.

Relacionamos tradição “com hábitos, crenças, valores e costumes que fazem parte de uma herança cultural de uma região que vem sendo transmitidos ao longo dos tempos. Devido à ideia de transmissão podemos considerar a tradição como algo que provém do passado e também do presente como indicam os aspetos sociais usados para a constante atualização de uma cultura. Sendo o passado lembrado através da criação de marcos que fundamentam a ideia de comunidade, estes criam uma noção contínua de cultura, sociedade e de povo justificando assim a existência da nação. Como em qualquer região, as festas e as romarias, da região de Aveiro, traduzem-se pelo contato entre as pessoas numa troca de culturas bem presente no folclore regional. Desde sempre, o homem teve a necessidade de agradecer aos deuses os seus feitos conseguidos, e esses agradecimentos são geralmente feitos através de oferendas, desde escrituras, pinturas ou festividades. O que faz mover os devotos é sobretudo um forte sentimento religioso, que, após as suas preces serem cumpridas, para além de sentirem a necessidade de recompensarem as entidades divinas sentem também a necessidade de curar a sua alma. Sendo assim, a partir dessa mistura de sentimentos são criadas as romarias. Segundo Artur Jorge Almeida no livro *Rota da Luz- Festas e romarias- Traditional Folk Festivals* (2002) o Sagrado e o Profano juntam-se e com a mesma intensidade com que

participam em cerimónias religiosas e se divertem e festejam no arraial e nos bailaricos. Sendo a religião e a alegria as características principais das festividades, nelas encontramos as pessoas e as suas respetivas tradições. A partir deste sentimento, nascem as crenças, lendas, costumes e histórias populares de cada região. Tradições essas que, ao longo do tempo, com o evoluir das relações (comunicação) entre pessoas e o avanço da técnica (tecnologia) tendem a perder-se. Por vezes, infelizmente, o esquecimento deste tipo de práticas desvaloriza o folclore, parte da identidade de um território. Segundo José Maria Marques, no caderno etnográfico *Vamos tratar o Folclore pelo seu próprio nome* (1985), o folclore ou “folk-lore” destina-se à designação de antiguidades populares, ou seja, costumes, lendas, tradições, crenças, tudo o que esteja relacionado com um país e o seu povo. Para o autor, é nosso dever preservarmos e defendermos estas tradições, pois o seu valor contribui para a construção da nossa identidade portuguesa. Neste caso, o folclore poderá ser considerado como cultura base de um povo, logo, esse mesmo povo não se deverá separar daquilo que, realmente, o identifica e caracteriza.

"A ciência do Folclore é a mãe
de todas as atividades que se
relacionam e com os bens do
povo, porque lhe está reservada
coleccionar, cuidadosamente,
desinteressada e
respeitosamente todos os
materiais"
(Veja, 1985, Marques,p.3)

Ainda que, porventura, sinta
a necessidade de as praticar,
a verdade é que as pessoas, em
geral, acabam por começar
a desvalorizar essas práticas
ancestrais, ou até mesmo
tornando-se desconhecidas.
Todavia, o objetivo deste
trabalho é trazer às pessoas,
nomeadamente aos mais novos,
que serão a futura geração,
informação sobre estas práticas
e crenças tradicionais para que
acerca delas ganhem
conhecimento e interesse. Para
que no futuro seja, de certa
forma, assegurada a sua prática
e transmissão.
Com isso, percebemos que
a ilustração é um meio bastante
sólido no que toca
à transmissão de informação,
nomeadamente no meio infantil.
Percebendo que nas crenças,
lendas e histórias populares
residem várias características
e a própria identidade das
regiões, e a sua divulgação tem
uma forte e efetiva capacidade
de as conseguir transmitir a mais
pessoas, fazendo com que estas
tenham acesso à sua própria
história, à tradição do sítio onde
moram e ajudando-os
a compreenderem-se a si
mesmos e às suas origens, pois
é através das mesmas que
é fundada a ideia de
comunidade, justificando assim
a sua própria existência e a da
sua própria nação.

Parte II_ Investigação pela prática

2. O projeto Histórias de Aveiro

2.1 Levantamento e 'estado de arte' da Ilustração Infantil

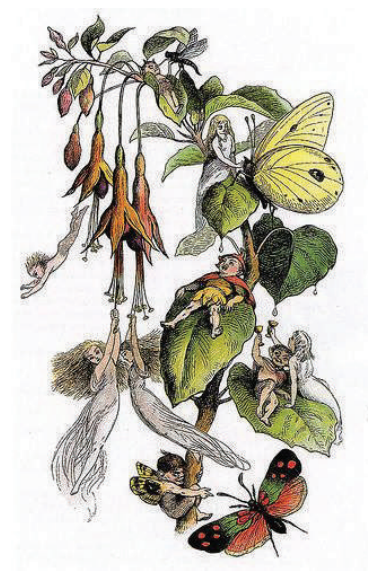
Como tratado anteriormente, a ilustração tem como propósito auxiliar e acrescentar conteúdo a algo, estando maioritariamente ligada a livros, contos, textos, etc., isto é a um apoio visual ou conceito. Posto isto, percebemos também que a ilustração infantil, uma das variações da ilustração, é uma das áreas que mais influencia as crianças, tanto na diversão mas também na sua aprendizagem e aquisição de conhecimento. Através dos livros ilustrados as crianças desenvolvem mais fácil e eficazmente o seu conhecimento e atividade social. Através de estímulos visuais, presentes nas ilustrações, como o uso de cores, materiais e diferentes técnicas fazem-nas captar mais eficazmente o assunto que está a ser representado, desenvolvendo assim a sua cultura visual e fortalecendo a sua capacidade social e de análise crítica. Na ilustração infantil são enumeras as técnicas e formas de representar visualmente uma história. Dependendo da mensagem a transmitir e também tendo em conta a sua audiência, o ilustrador irá decidir qual a melhor técnica e materiais a usar assegurando assim a sua eficácia. *"A ilustração está fortemente a contar histórias e por isso tem de ser descritiva. Mas há muito espaço para a criatividade."* (Zwenger, 2003, p.16)

A ilustração é tão benéfica e eficiente no que toca a aprendizagem das crianças, que há muito tempo que se utiliza a literatura infantil ilustrada na área da educação. Sendo assim, como outras áreas da ilustração, a ilustração infantil foi-se desenvolvendo com o passar dos

anos, adaptando-se a novas técnicas, suportes, materiais, assim como, também, ao desenvolvimento do seu público-alvo.

É de prever que o tipo de ilustração infantil praticado nos dias de hoje, não é o mesmo que se praticava no início do século XX. Assim como os costumes, a tecnologia e o meio social evoluíram, também a ilustração acompanhou esse processo de evolução. Independentemente da ilustração ser algo realizado quase desde sempre, foi a partir dos finais do século XIX e inícios do século XX que esta ganhou grande reconhecimento. Devido à Revolução Industrial, as linguagens gráficas impressas evoluíram em série o que deu força para o desenvolvimento da Literatura Infantil, e consequentemente o desenvolvimento da Ilustração Infantil, foram abertas portas para a utilização de diferentes técnicas, permitindo aos ilustradores criarem com mais liberdade as suas obras.

Falando de ilustradores, e das suas respetivas obras, temos por exemplo, as ilustrações de Richard Doyle (1824-1883) que ilustrou de uma variedade grande de livros, por exemplo o livro *A Tale of Fairyland - Princess Nobody*, escrito por Andrew Lang (1884), onde Doyle nos presenteia com ilustrações de contos de fadas, aliadas ao realismo das gravuras, onde ele utiliza a técnica de caneta preta e aguarela. Ou outro ilustrador, Milo Winter (1888-1956), que já no início do século XX, mais especificamente em 1916, ilustrou o livro *Hans Andersen's Fairy Tales*. Segundo o site PookPress



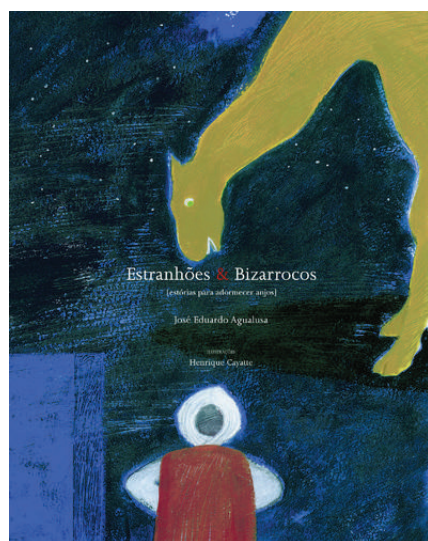
Richard Doyle,
A Tale of Fairyland - Princess Nobody, 1884,
Aguarela,
(20,32cm x 24,13cm)



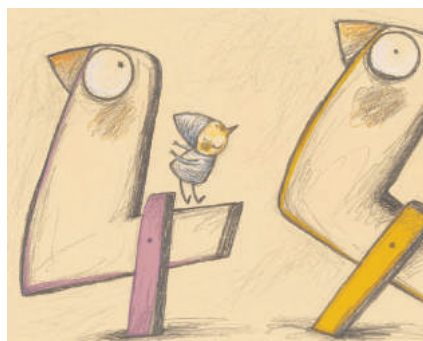
Milo Winter,
Hans Andersen's Fairy Tales, 1916,
Xilogravura
(17,78cm x 25,4cm)



Laura Costa,
Coração Pequeno, 1947,
Técnica Mista
(19cm x 25cm)



Henrique Cayatte,
Estranhões e Bizarros, 2000
Aquarela
(22,9cm x 28,8 cm)



Chiara Carrer,
Le Lutin des Chiffres, 2002
Aquarela
(24 cm x 20cm)

[<http://www.pookpress.co.uk/project/milo-winter-biography/>] nas suas ilustrações conseguimos perceber a utilização do realismo para o desenho das personagens e paisagens, particularmente no uso de cor e bastante detalhe. A técnica utilizada neste livro é a Xilogravura, técnica inovadora. Em Portugal, no início e meados do século XX tivemos uma ilustradora que segundo o título do artigo de Sérgio C. Andrade, em 2017, na revista Público *A ilustradora que coloriu o Portugal do século XX*, Laura Costa. Presenteou Portugal com uma série de livros e respetivas ilustrações que representavam não só as fábulas e contos-de-fadas mas também o país e os seus costumes. Como exemplos de obras, temos o livro *Coração Pequeno*, escrito por Maria da Luz Sobral (1947) e *The Story of Fátima*, escrito por Padre Armando Pereira, em 1958. Nas suas ilustrações estavam presentes figuras realistas, ainda que infantilizadas, bastante detalhadas e usando de bastantes cores e padrões. Com o passar dos anos a ilustração, de certo modo, começou a ser dotada de outras características. Deixando um pouco de lado o realismo das formas, os ilustradores começaram a adotar outras técnicas e outras formas de expressão bastante mais minimalistas e expressivas. No século XXI temos uma série de ilustradores infantis, nomeadamente, Henrique Cayatte, ilustrador português, que no ano 2000 ganhou o prémio Nacional de Ilustração com o livro *Estranhões e Bizarros*

escrito por José Eduardo Agualusa. Segundo M. Fátima M. Albuquerque no seu artigo *Novo conto para crianças: J.E Agualusa e os seres sem exemplo* na revista *forma breve Nº1- Revista de Leitura O Conto- Teoria e Análise* (2004) neste livro, o ilustrador devido ao uso de cores aguerridas contrastando com o preto e o branco e à utilização de desenhos a aguarela delineadas "grosseiramente", servindo-se de formas bastante acentuadas pelo uso da curva, presenteia-nos com imagens bastante fortes que captam logo a atenção do leitor. No livro *ILUSTRARTE- Bienal Internacional de Ilustração para a Infância- Bienal International Exhibition of Children's Book Illustration* (2003) de Eduardo Filipe e Ju Godinho Outro contém uma série de obras e Ilustradores contemporâneos que demonstram a evolução e a variedade de estilos e técnicas existentes na área, um dos exemplos é o livro *Le Lutin des chiffres* (2002) de Chiara Carrer. Neste livro estão presentes ilustrações expressivas e dinâmicas devido ao uso da trama e do traço espontâneo, aleando-os a figuras simples que torna o livro bastante prazeroso de ler e apreciar. A técnica utilizada nas ilustrações é mista, ressaltando o uso de grafite, aguarela e lápis de cor, utilizando cores como o azul, o branco e o bege, criando contrastes entre o preto da grafite, jogando também com opacidade e transparências da aguarela. Outro ilustrador apresentado neste livro é o português José Manuel Saraiva, com o seu livro *O meu urso* (2002).

Nas ilustrações deste livro, é de salientar a utilização de formas bastante niveladas e minimalistas. Sem qualquer noção de perspectiva, o ilustrador trata as suas imagens quase de forma "primária" assemelhando-se muito aos desenhos produzidos pelas crianças. Nesta obra sobressai o uso da linha e consequentemente da trama produzida por lápis-de-cor. Cores como o azul, laranjas e vermelhos, contrastando com o branco e bege. Os meios adotados, para além de lápis-de-cor, foram também o guache e o computador. Contrariando o ilustrador anterior a nível de estilo, temos a ilustradora Helga Bansch, que dá mais ênfase à mancha e à opacidade das cores. Na sua obra *Bärenhunger* (2002), Helga trabalha as imagens a acrílico, criando ilustrações fragmentadas, onde as figuras são representadas maioritariamente pelo uso da mancha e cores como o amarelo, o verde e o castanho, caracterizadas pelo volume e por jogos de perspetiva. Mostrando que são várias as técnicas e materiais que se podem utilizar falamos agora de outra ilustradora, Anne Herbants, cuja ilustração é a do livro *La princesse au petit poids* (2003). Nas figuras em questão, Anne utiliza uma técnica mista, estando presente a aguarela e lápis-de-cor. Jogando com opacidades e transparências, aliando-as a jogos de perspetivas de figuras simples, saltam à vista também a utilização de texturas e padrões que enriquecem visualmente o seu trabalho. Contrariando o estilo, o ilustrador português Luís Mendonça,

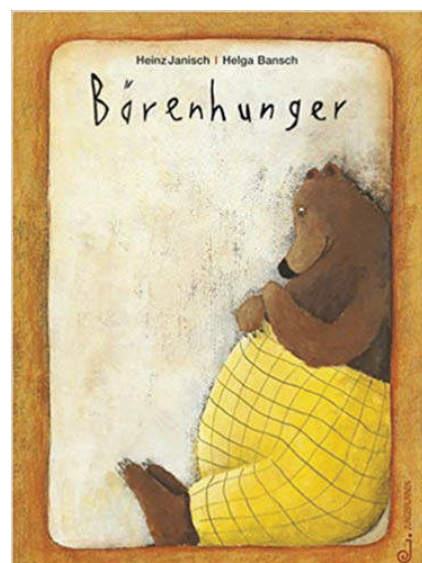
Contrariando o estilo, o ilustrador português Luís Mendonça, conhecido por Gémeo Luís, trabalha através do recorte. A partir dessa técnica, o ilustrador cria figuras simples e niveladas onde está maioritariamente presente o alto-contraste entre o fundo e as figuras, sendo que este geralmente utiliza uma ou duas cores nas suas obras como, por exemplo na obra *Há palavras*. Diferentemente, Isabelle Vandenabeele, ilustradora da obra *Rood rood roodkapje* (2003), utiliza a xilogravura como técnica de ilustração. A ilustradora cria, então, uma série de ilustrações usando apenas três cores, o preto, o branco e o vermelho. Ricas em contraste e expressão, devido à técnica usada resultam ilustrações bastante fortes e chamativas. No ano 2010, foi publicado o livro *The conductor* de Letivia Devernay's. Este livro tem uma particularidade, para além de não ter qualquer presença de texto está associado à música Clássica. Segundo Anna Ridley no artigo *Books Without Words* (2014), o livro é uma série de ilustrações em sequência utilizando figuras de pássaros feitos de folhas que transmitem os sons e picos emocionais existentes na mente ao ouvir uma sinfonia. Através de cores minimalistas e de uma técnica mista que vai desde uso de recorte, linóleo e imagem digital a ilustradora consegue transmitir sensações emocionais presentes na música. Como podemos ver, a maioria dos ilustradores retrata graficamente histórias, contos-de-fadas, fábulas e até representam visualmente as



Manuel Saraiva,
O meu urso, 2002
Lápis, Guache e Computador
(21,3cm x 30,6cm)



Anne Herbants,
La princesse au petit poids, 2003
Técnica Mista
(36cm x 26cm)



Helga Bansch
Bärenhunger, 2002,
Acrílico
(25cm x 41cm)



as sensações produzidas na mente pela música. Visto esta dissertação, e consequente projeto, propor-se divulgar as tradições aveirenses através da ilustração, queremos salientar duas obras que têm o mesmo propósito. Uma delas, ainda não foi publicada, mas trata a história de Santa Joana Princesa. Com o título de *Joana, Princesa de Portugal* (2016) e escrita por Vanda Furtado Marques, este livro tem o objetivo de transmitir aos mais novos a história de vida da padroeira de Aveiro. A ilustradora Ana Mateus, utiliza a ilustração digital como técnica, e cores fortes como o amarelo, dourados e vermelhos, dando expressividade e noção de movimento, aleando a vida da princesa com motivos marítimos para a associar à cidade de Aveiro. Outra obra que retrata uma das lendas de Aveiro é o livro *Ramiro e o Moliceiro: Entre a ria e o Palheiro* (2016), escrito por Conceição Oliveira e ilustrado por Maria Clara Maia. Neste livro, é reescrita e representada, através de ilustrações simples e infantilizadas, a lenda da criação do moliceiro. A técnica utilizada é lápis-de-cor sendo que as cores predominantes são os azuis, o branco e o amarelo. Como podemos verificar, a ilustração é um meio que foi evoluindo ao longo dos tempos. Adaptando-se a novas técnicas, suportes e conceitos, ela esteve sempre aliada ao desenvolvimento da literatura infantil e tem estado sempre presente na educação e desenvolvimento cognitivo das crianças.

Para além das modificações de 'grafismo', hoje a ilustração não questiona o uso de técnicas antigas, tendo os ilustradores total liberdade formal, fazendo dela uso criativo. Atendendo sempre à narrativa e transmissão do tema ou conceito em questão, assegurando sempre a sua eficácia.

Sendo a pertinência desta dissertação a divulgação dos costumes aveirenses, através da ilustração, é de realçar o fato desse mesmo tema já ter sido reconhecido e trabalhado por alguns ilustradores.

Através dos exemplos dos livros *Joana, Princesa de Portugal* e *Ramiro e o Moliceiro: Entre a Ria e o Palheiro*, os autores e ilustradores tiveram, igualmente, o intuito de contar, graficamente, às crianças duas das histórias da cidade de Aveiro.

Ambos utilizam a Literatura ilustrada como meio de transmissão destas histórias típicas aveirenses com o objetivo de captar eficazmente a atenção das crianças para que estas tenham acesso às mesmas de uma forma mais lúdica e prazerosa.

Relativamente às técnicas utilizadas pelos Ilustradores nas duas obras, ainda que tenham a técnica manual como base das ilustrações, está também associado e presente trabalho a nível digital nos acabamentos e texturas finais. Aproximando, de certa forma, o projeto que é proposto nesta dissertação a nível do contexto e tema utilizado assim como pela técnica, que como base terá a manualidade do lápis-de-cor e da aquarela assim como para os acabamentos será utilizada a ilustração.

2.2 Histórias e tradições da cidade de Aveiro

Concluimos então, que este é um problema reconhecido pelo meio da literatura infantil e da ilustração. As histórias e lendas das cidades, aleadas à literatura e à ilustração tornam-se uma forte ferramenta para a transmissão dos costumes e tradições tanto para os adultos, como para as crianças, fazendo com que estas consigam desde cedo perceber o meio cultural onde vivem e se inserem socialmente.



Maria Clara Maia,
Ramiro e o Moliceiro: Entre a Ria e o Palheiro, 2016
Técnica mista
(22cm x 21,8cm)



Ana Mateus
Joana Princesa de Portugal, 2016
Técnica Mista
(20cm x 20cm)

Como foi constatado anteriormente, a cidade de Aveiro é uma região repleta de tradições e costumes. Devido à sua posição geográfica favorecida pela ria e pelo mar proporcionando o desenvolvimento comercial da prática da faina e da produção do sal, é também uma região com uma história quase milenar. Estas atividades fizeram de Aveiro uma das regiões mais ricas do país, sendo esta uma terra de grandes tradições, fé e cultura.

Deste modo, Aveiro possui um vasto número de tradições, crenças e histórias fortemente ligadas à religião e às práticas realizadas na ria, criando a identidade da própria região, que dão sentido à comunidade aveirense e que de certo modo, justificam a sua existência no país e no mundo.

São várias as histórias existentes na cidade de Aveiro, no entanto daremos ênfase a apenas três devido ao fato destas retratarem duas personagens influentes na diocese e religião de Aveiro – A Princesa Santa Joana e S. Gonçalinho – e um dos símbolos tradicionais mais importantes da cidade – o moliceiro.

Começamos por considerar a história da vida da Princesa Santa Joana, atual padroeira da cidade de Aveiro. Princesa e herdeira do reino de Portugal, Santa Joana renunciou à vida de luxo e conforto da corte em prol de se dedicar a Deus. (ver anexo I) Santa Joana foi contra o próprio reino e as suas obrigações como herdeira do trono para dedicar a sua vida à religião, escolhendo o Mosteiro de Jesus em Aveiro como seu lar. Dedicou toda a sua vida à prática do bem, da caridade

e a devoção a Deus. Após a sua morte e respetivo milagre, o culto para com ela cresceu e desenvolveu-se ao longo dos tempos, tornando-a uma das personalidades mais importantes e adoradas da cidade de Aveiro. Depois, consideramos a lenda de S. Gonçalinho (ver anexo II). Independentemente desta história não ter quaisquer documentos que comprovem a sua veracidade, os aveirenses baseando-se na palavra, como forma de transmissão oral, foram cultivando o culto em volta desta personagem originalmente de Amarante.

Ao longo dos tempos os aveirenses acreditam que S. Gonçalinho se deslocou a Aveiro para ajudar os doentes, atirando-lhes pão para que estes não padecessem com a fome. Conhecido por curandeiro de doenças ósseas, todos os anos, na segunda semana do mês de Janeiro, os aveirenses prestam homenagem a S. Gonçalinho através de uma das festas mais importantes da cidade. Do alto da Capela de S. Gonçalinho são lançadas cavacas e ao longo de uma semana são praticadas várias missas, concertos, danças (ver anexo III) em que Aveiro se junta num ambiente de alegria no bairro Beira-Mar dedicando toda a sua devoção a S. Gonçalinho, o “menino” de Aveiro.

Por fim, apresentamos a lenda do Moliceiro (ver anexo IV). Conhecido pelos seis motivos decorativos, cores berrantes e pela sua proa em forma de quarto crescente, o barco Moliceiro é uma das embarcações mais características da Ria de Aveiro

2.3 Considerações para a construção do briefing do cenário de projeto

que ao longo dos tempos perdeu a sua inicial função do transporte do moliço e passou a fazer as delícias dos turistas navegando pelos canais existentes na cidade. A história que apresentamos é uma lenda criada em volta deste barco com o intuito de fantasiar o propósito real da sua criação. Aleando o mito à realidade, esta lenda representa a criação dos palheiros da Costa Nova, o barco moliceiro e o próprio sal da Ria de Aveiro. Independentemente de existirem muitas mais crenças, lendas e histórias nesta cidade, estas três são as que de, certa forma, melhor caracterizam e transmitem o espírito de Aveiro. Representam duas das personalidades mais adoradas e motivo de culto, assim como elementos característicos e turísticos da região.

Como referimos anteriormente, a ilustração tem como objetivo transmitir uma mensagem ou contexto através de uma linguagem visual. Estando ou não aliada a um contexto narrativo, a ilustração tem a capacidade de acrescentar informação e captar a atenção do leitor, ajudando-o a perceber melhor o tema em questão. No que toca à ilustração infantil, percebemos que esta tem uma grande influência no desenvolvimento cognitivo da criança e que está a ser constantemente utilizada na educação das mesmas. Sendo que a pertinência deste trabalho é divulgar os costumes e tradições de Aveiro, tendo como público-alvo as crianças, vemos a ilustração como uma forte aliada para a transmissão deste tema.

Sendo que lendas, mitos e crenças fazem parte do cariz cultural que identifica uma região, surgiu a ideia de juntar estes aspetos folclóricos à ilustração, tendo como objetivo transmiti-los aos aveirenses primordialmente, mas também a todos aqueles que se interessem por conhecer diferentes territórios a partir da sua cultura patrimonial seja ela material ou imaterial. Posto isto surgiu a ideia da criação de uma coleção de livros ilustrados onde estão representadas algumas histórias e lendas de Aveiro.

Aliando as tradições aveirenses à literatura infantil ilustrada julgamos encontrar um forte motivo para a transmissão do conhecimento das mesmas ao público infantil, permitindo-lhes ter acesso às raízes da cidade, assim como aprenderem um pouco mais sobre a região onde

habitam e os costumes praticados com o nome "Histórias de Aveiro". Este projeto contará três lendas/histórias da cidade de Aveiro, estando acompanhadas de ilustrações que procuram ser apelativas, fazendo com que os mais novos se divirtam a aprender sobre a cidade, tornando-a a seus olhos rica e interessante.

3. Execução do projeto Histórias de Aveiro

3.1 Início do projeto

O objetivo deste projeto é ajudar as crianças a terem acesso aos costumes e tradições da cidade de Aveiro fazendo com que estas os fiquem a conhecer e que contribuam futuramente na sua transmissão. Posto isto, chegámos à conclusão que a criação de uma coleção de livros ilustrados, onde estejam representadas algumas das lendas mais importantes, seria uma boa oportunidade de divulgação da cultura popular aveirense. Sabendo que a ilustração infantil quando aliada à literatura é um forte método de aprendizagem e de captação de conhecimento no meio infantil, nasceu assim o projeto "Histórias de Aveiro". Este projeto consiste numa coleção de três livros, onde cada um contará uma lenda da cidade de Aveiro. Os livros contém apenas a descrição visual das lendas (ilustrações), ligadas a um pequeno livro com a história escrita das lendas. Valorizando a leitura partilhada entre pais e filhos ou educadores e alunos, o objetivo é que o adulto leia previamente o texto e que, depois conte oralmente a história à criança enquanto vai folheando o livro ilustrado. Após pesquisa e análise entre várias lendas foram escolhidas as lendas da Santa Joana Princesa, S. Gonçalinho e a lenda do Moliceiro.

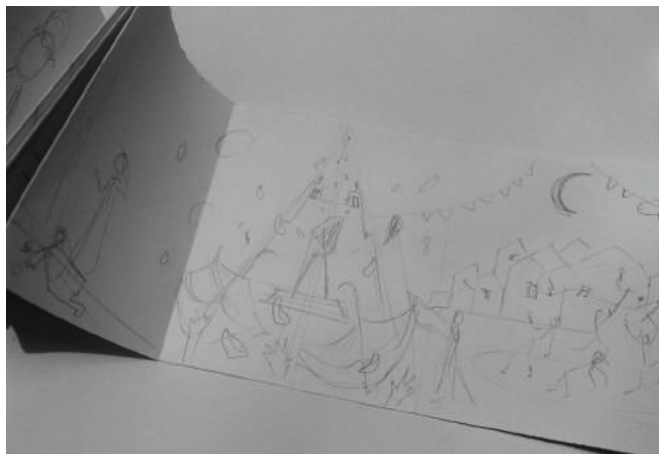
3.2 Esquissos e esboços

O objetivo do trabalho foi o de criar imagens simples e de fácil entendimento. Como a opção foi de criar imagens "separadas" do texto escrito estas terão de ser explícitas pois necessitam de conter características e formas que assegurem a fácil captação de sentido como por exemplo, localização espacial, ligação entre as figuras e o texto, expressões e também indicações que permitam a facilidade de leitura. Do ponto de vista formal procuramos através do desenho fazer com que as imagens estivessem ligadas entre si, por meio de elementos gráficos. Assim, procurou-se que a forma e conteúdo dos desenhos fossem facilitadores da continuidade visual, dando cada uma das imagens continuidade à imagem seguinte, evitando leituras visuais abruptas e estáticas. Relativamente às ilustrações em si, estas são feitas através de figuras simples e expressivas, com recurso ao movimento e ritmo visual. O material utilizado é a aguarela e o lápis-de-cor, sendo que a aguarela é utilizada como base de cor. As imagens são depois tratadas com texturas e padrões, definidos através do lápis-de-cor. A perspetiva é apenas pontualmente sugerida, o realismo sugerido resulta da idealização das figuras, um tanto infantilizadas, e sem se fixar na noção do real, como podem ser, por exemplo, as nuvens com pintas, os montes cor-de-rosa, as bochechas das personagens exageradamente rosadas e redondas. Sendo que o projeto trata de uma trilogia de livros ilustrados, os livros contém uma série de características que são comuns .

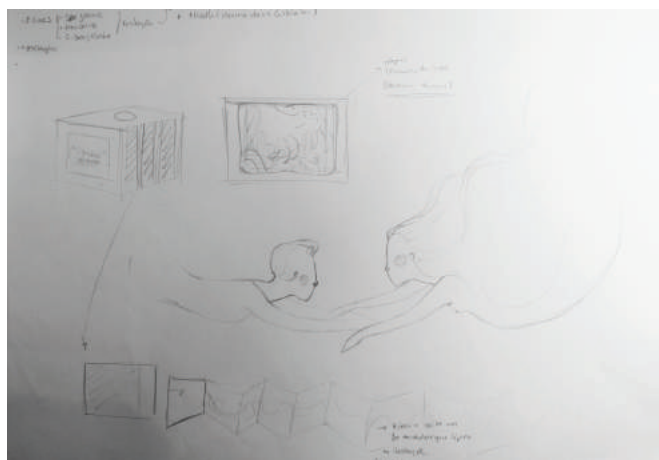
entre eles desde figuras simplificadas, padrões de paisagens, o material usado, e uma das mais importantes, a ilustração contínua. Uma vez que o formato do livro é em acordeão, houve a necessidade de criar a noção de continuidade nas ilustrações. Independentemente de estas funcionarem individualmente página a página, quando esticado o livro, as ilustrações funcionam como uma só, estando as formas interligadas entre si através de elementos figurativos proporcionando ao leitor uma leitura visual contínua, usufruindo da sequência da história e respetivas imagens. No entanto, cada livro possui também aspetos particulares. No livro de Santa Joana Princesa a paleta de cor é constituída por rosas, verdes, castanhos, azuis, contrastando com o preto e branco. Esta escolha foi baseada no túmulo de Santa Joana, que se encontra no museu de Aveiro. Assim como as cores, o padrão floral é baseado também no túmulo da princesa. Quer no túmulo, quer na sala onde este está colocado são visíveis os motivos florais, assim como as cores que estão nas ilustrações. No livro do Moliceiro, a paleta de cores baseia-se nos azuis, verdes, cinzas, vermelhos e castanhos. Como praticamente todo o enredo é passado na ria, tal como as cores, os motivos marítimos como as conchas e os peixes são algo bastante presente nas ilustrações. No livro de S. Gonçalinho os castanhos, azuis, verdes e rosas têm bastante ênfase, no entanto, contrastam com cores berrantes e vivas, como os amarelos,

laranjas e vermelhos, apelando ao ambiente alegre e festivo com referência à festa de S.Gonçálinho. Sendo esta história a que contém menos informação e basicamente "vive" do imaginário do povo, os motivos e elementos figurativos são um pouco mais fantasiados e menos ligados à realidade, em comparação com os outros dois livros.

Tânia Resende,
Esboço ilustrações interligadas em maquete, 2018,
Grafite



Tânia Resende,
Primeiros Esboços, 2018
Grafite
(29,7cm x 42cm)



Tânia Resende,
Primeiros Esboços, 2018
Grafite
(29,7cm x 42cm)





Tânia Resende,
Esboço Pormenorizado, 2018
Grafite
(29,7cm x 42cm)



Tânia Resende
Princesa Santa Joana, 2018
Aquarela e Lapis de Cor
(21cm x 46cm)



Tânia Resende,
Maquete livro em acordeão,
2018



Tânia Resende
Ramiro e o Moliceiro, 2018
Aquarela e Lapis de Cor
(21cm x 46cm)



Tânia Resende,
Pormenor Padrões, 2018
Aquarela e Lapis de Cor
(10cm x20 cm)



Tânia Resende
São Gonçálio, 2018
Aquarela e Lapis de Cor
(21cm x 46cm)

3.3 Formatos: paginação e tipografia

O formato do livro é em acordeão, fugindo um pouco da encadernação convencional. O objetivo é que o leitor tenha interação com o material de leitura permitindo-lhe ter uma leitura página a página, como também usufruir da sequência das imagens interligadas, e com isto potenciar a noção de movimento.

Relativamente ao leitor, independentemente desta coleção ser direcionada às crianças devem ser considerados também os adultos. Se por um lado ao adulto lhe é dada a possibilidade de descrição das imagens a partir da leitura prévia das lendas, à criança que ainda não sabe ler (ou que simplesmente não o deseja fazer) ser-lhe-á dada a possibilidade de através da continuidade das imagens ser capaz de 'seguir' a história.

Outra característica relacionada com a paginação é a existência de um padrão no verso de cada um dos livros. A cada história está associado um padrão particular, sendo ele baseado em características relacionadas com a narrativa.

Para o livro de Santa Joana foi escolhido o padrão floral. Para além de ser um motivo bastante utilizado nas ilustrações, as flores são algo utilizado como símbolo da personagem, representando o milagre da mesma, assim como a sua pureza, beleza e inocência. Para o livro do Moliceiro foi escolhido um padrão relacionado com a água, sendo representado por conchas. A concha para além de ser um símbolo associado à praia, à ria e à água, faz também a ligação à sereia presente na história.

Por fim, no livro de S. Gonçalinho, o padrão utilizado são os guarda-chuvas. A ideia da utilização deste símbolo surgiu por ele estar presente nas festividades feitas em honra deste Santo. O guarda-chuva é um objeto utilizado para a apanha das cavacas quando do seu lançamento do alto da igreja. Como já foi referido anteriormente, para além dos três livros ilustrados, a coleção "Histórias de Aveiro" contém também um apoio narrativo escrito das lendas. Nesse livro estarão descritas as lendas e o objetivo do mesmo é servir de apoio ao adulto para que este posteriormente conte oralmente a história à criança enquanto folheia o livro ilustrado.

Previamente relatámos que lendas, crenças e mitos sobrevivem ao longo dos tempos através da oralidade do povo. Sem qualquer registo, ou no caso de escassos registos, este tipo de histórias foram transmitidas de boca-em-boca, pelos pais, avós, tios e amigos. Sendo que o mistério e encanto destas histórias vive da oralidade, a ideia foi trazer um pouco dessa essência oral, e por consequência imaterial, a este projeto. Por isso, a ideia é estimular a leitura partilhada, preservando a oralidade, da transmissão das lendas, daquilo que contado por palavras se transforma em imaginação, ligado ao lado misterioso e encantatório do mundo infantil mas que também pertence às imagens, em geral. Por fim, para a introdução do título do livro e respetivos créditos foi criada uma pequena moldura para os mesmos. Essa mesma moldura, ainda que simplificada

é inspirada em formas presentes na Arte Nova, nomeadamente como o ferro forjado sendo algo que está muito presente na arquitetura da cidade.

As tipografias usadas foram, para texto corrido Museo Sans 100, para Subtítulos a Moon Flower Bold e para Títulos a Vampire Calligraphy.

Os livros quando produzidos deverão ser impressos em offset em modo CMYK.

Medidas:

Princesa Santa Joana :
20,5x 266cm x 18,5 x20,5 cm

Ramiro e o Moliceiro:
20,5x 266cm x 18,5 x20,5 cm

S.Gonçalinho:
20,5x 228cm x 18,5 x20,5 cm



Tânia Resende,
Livro Ramiro e o Moliceiro, 2018
(21cm x 266cm)



Tânia Resende,
Livro Santa Joana Princesa, 2018
(21cm x 266cm)



Tânia Resende,
Livros Ilustrados e Apoio Textual
Coleção "Histórias de Aveiro" 2018

3.4 Packaging: cortantes

O packaging, para além de conter os livros ilustrados e os livros de apoio, será organizado também por separadores. Os separadores da embalagem para além de servirem de encaixe dos livros, comunicam uma paisagem da cidade de Aveiro.

Sendo Aveiro a cidade a que se referem as histórias, esta será representada nos dos separadores, numa ilustração dividida pelos mesmos, utilizando a perspetiva para alcançar profundidade.

Cada separador contem dois lados onde estão recortadas figuras que, quando agrupadas, funcionam como uma ilustração só.

Na ilustração presente nos separadores estão representadas formas que de certo modo se interligam com as três histórias representadas nos livros. Em geral, trata-se de uma paisagem de Aveiro e estão presentes a ria, o moliceiro, montes de sal e as casas típicas da Costa Nova – relacionando-se com a história Ramiro e o Moliceiro – a Sé de Aveiro – que se relaciona com a história da Princesa Santa Joana – e motivos festivos – que cria ligação à história de S.Gonçálinho. No geral, é uma ilustração simplificada que representa visualmente a cidade de Aveiro, estando também ligada às histórias em si.

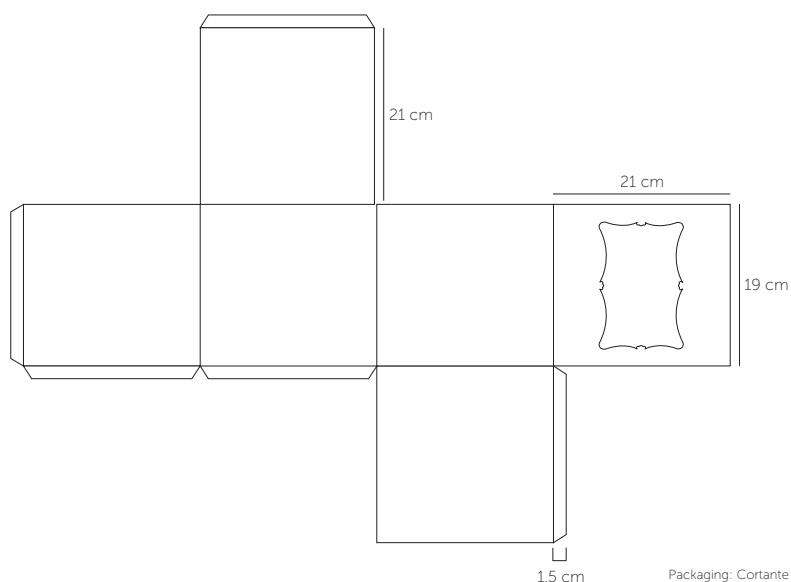
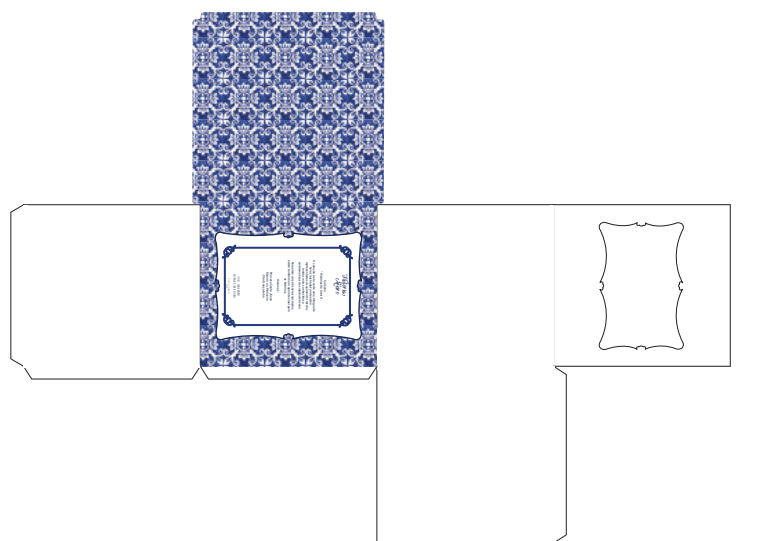
Para além das ilustrações presentes nos separadores, é também utilizado, assim como no livrete, um padrão em forma de azulejo. Como foi referido anteriormente, a cidade de Aveiro é considerada a Capital Portuguesa da Arte Nova e foi baseado nessa ideologia que foram também introduzidos estes

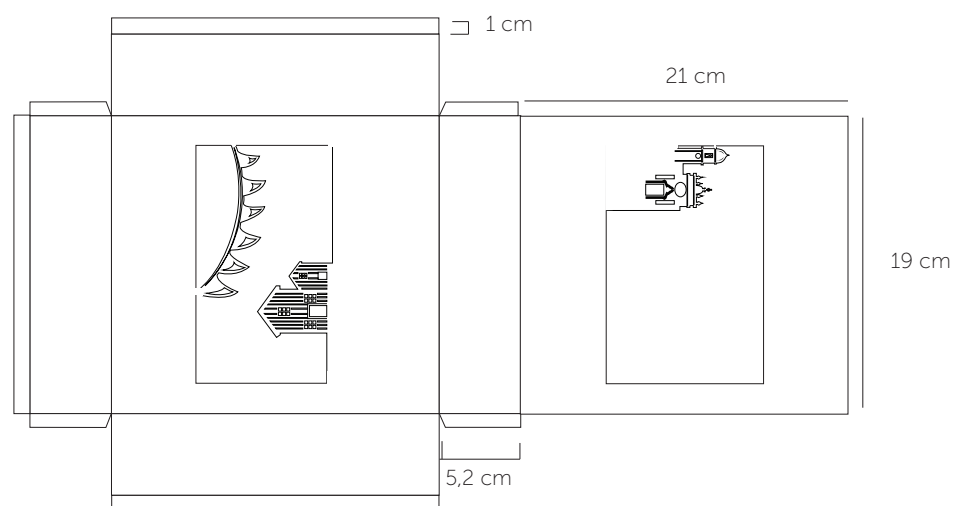
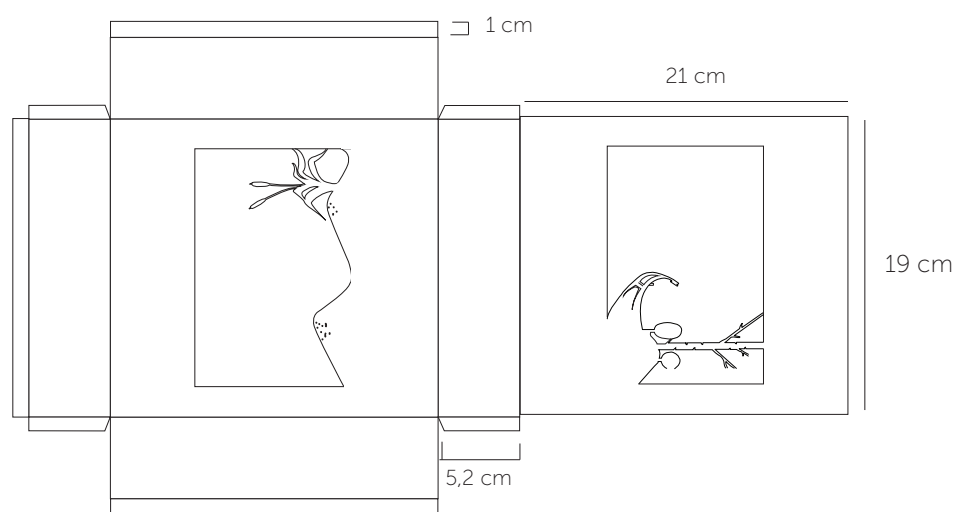
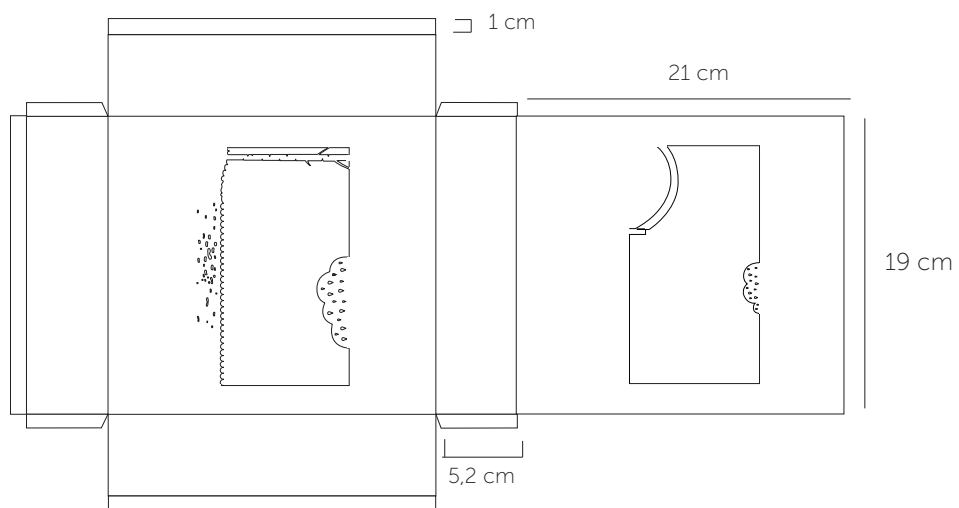
motivos e formas que nos remetem à fachada de muitas das casas presentes na cidade.

O packaging, tanto a embalagem como os separadores, foram realizado em papel com a gramagem de 300g.

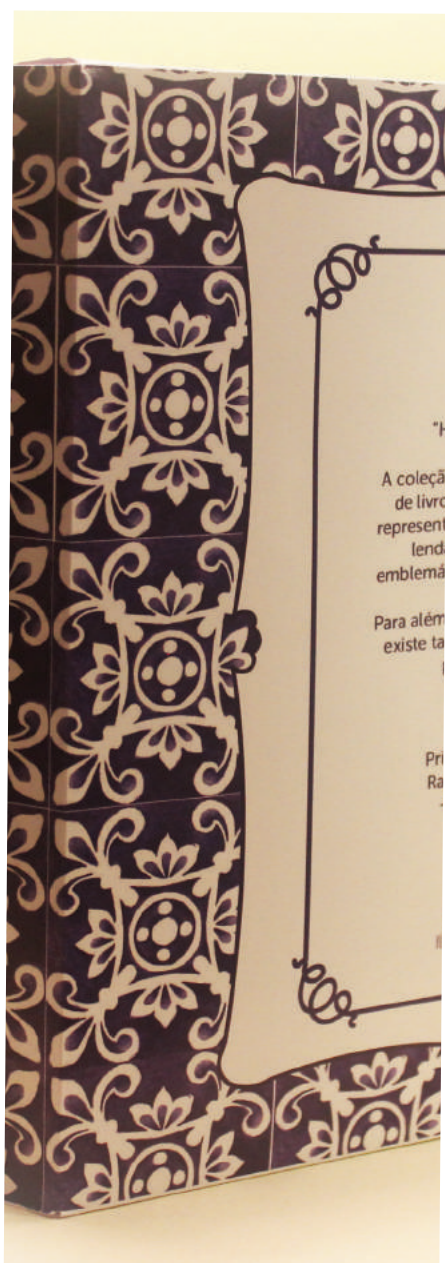
O packaging quando produzido deverá ser impresso em Offset em modo CMYK. A embalagem, após impressa deverá ser cortada e vincada respeitando o cortante.

Os separadores, após impressos deverão ser submetidos ao corte a lazer, respeitando os cortâtes





3.5 Proposta final - Coleção *Histórias de Aveiro*



Tânia Resende,
Pormenores Projeto "Histórias de Aveiro" Terminado,
2018



3.6 Estratégia e planeamento de divulgação

A coleção “Histórias de Aveiro” sendo uma trilogia de livros ilustrados tem como objetivo transmitir aos mais novos os costumes e tradições, existentes e praticados na cidade de Aveiro. Como tal, a pertinência da coleção de livros é fazer com que os costumes e tradições da cidade de Aveiro cheguem às casas dos habitantes da cidade, assim como às escolas.

Para isso ser realizado, deverá ser encontrada uma estratégia de promoção e divulgação do projeto junto de fontes de financiamento.

O projeto deverá ser preparado para apresentação a diferentes entidades, para recolha de apoios e patrocínios, de modo a ser reconhecido e posteriormente editado e publicado.

Relativamente à estratégia de promoção dos livros partirá inicialmente da apresentação dos mesmos através da criação de eventos em escolas e bibliotecas do Município. Dando a conhecer o propósito da sua criação, assim como, fazendo chegar às crianças e adultos a existência de um projeto que visa elevar a importância da cultura e tradições do território do qual fazem parte e a sua respetiva divulgação.

Para além destes eventos, a divulgação do projeto deverá fazer-se também a nível das redes sociais, cartazes e flyers.

Posteriormente, a ideia será levar este projeto também a outros municípios do distrito de Aveiro como por exemplo, Ovar, Murtosa, Ílhavo, etc., assim como a outras freguesias e mais tarde ao resto do País. Independentemente de estas serem histórias que narram as tradições da cidade de Aveiro, fazem também parte da

Cultura Portuguesa e seria interessante fazer com que os portugueses tivessem conhecimento das mesmas.

Considerações finais

Ao longo desta dissertação a ilustração foi considerada como uma forte ferramenta de transmissão e divulgação de conhecimento no meio educacional, principalmente quando aliada à literatura. Consequentemente, o projeto “Histórias de Aveiro” foi criado com o propósito de introduzir a ilustração no meio infantil para potenciar a divulgação e aprendizagem dos costumes e tradições da cidade de Aveiro. Ao tratar-se de uma coleção de livros ilustrados onde estão representadas visualmente três das lendas e histórias mais conhecidas e importantes da cidade – a História de Santa Joana Princesa, a Lenda de S. Gonçalinho e a Lenda do Barco Moliceiro – procurou-se dar sentido profundo ao propósito enunciado anteriormente conciliando-o com a máxima divulgação do território. A partir desta coleção julgamos criar a possibilidade às crianças de aprenderem e adquirirem interesse e conhecimento acerca das histórias locais, da vida de personalidades importantes assim como de atributos históricos e turísticos de Aveiro. Uma vez que o objetivo desta investigação era fazer com que coleção chegasse à casa das pessoas e às escolas, em especial dos aveirenses, para que estes pudessem disfrutar do conhecimento e aprendizagem sobre o seu local de origem, cremos poder dizer que experimentalmente a forma com que o objectivo de estudo foi alcançado passa por uma prazerosa e lúdica apreensão dos costumes e tradições da cidade de Aveiro.

Consideramos que, numa primeira instância, deverá ser feita uma leitura prévia do apoio textual presente na coleção “Histórias de Aveiro” para depois, recorrendo à memória e à oralidade, transmitir a história ao mesmo tempo que é folheado o livro ilustrado. Através da sequência de ilustrações presentes nos livros as crianças conseguirão compreender e dar seguimento à história, assim como ter acesso a imagens e formas que lhes permitirão identificar e associar atributos presentes na história relacionando-os com a cidade de Aveiro. Concluímos então que visualizando as histórias e lendas, aliadas à narrativa escrita a ilustração poderá constituir-se como um forte meio de transmissão dos costumes e tradições de uma cidade, fazendo com que as crianças consigam desde cedo compreender e descobrir o meio cultural onde vivem e se inserem socialmente. Assim, através da ilustração as crianças e os adultos, ao conhecerem as suas tradições assegurarão o seu próprio reconhecimento, perpetuando-o e transmitindo-o às gerações futuras.

Desenvolvimentos futuros

Sendo que o grande objetivo é fazer chegar este projeto aos mais novos, o ideal seria que este pudesse ser implementado nas escolas e nas casas dos aveirenses.

Como entendemos anteriormente, o projeto “Histórias de Aveiro” necessita de apoios e patrocínios para a sua divulgação e publicação. Para tal, a ideia será dar a conhecer este projeto ao município de Aveiro, apresentando-o à Câmara Municipal, ao Museu de Aveiro, às Juntas de Freguesia, à Biblioteca Municipal e Posto de Turismo.

Sendo que este projeto tem como grande tema a cidade de Aveiro, seria bastante positivo o apoio destas entidades pois o objetivo é dar a conhecer a cidade e as suas tradições quer aos aveirenses, mas também ao resto dos portugueses.

Posteriormente a ideia é que a coleção “Histórias de Aveiro” seja publicada e comercializada, estando então presente nas livrarias, bibliotecas municipais e escolas. Deste modo, seria facilitada a divulgação do projeto assim como parte da herança cultural e tradicional da região de Aveiro e a todas as pessoas, em especial aos mais novos.

Para este projeto pesquisamos algumas das lendas mais importantes da cidade de Aveiro, no entanto, para além das três escolhidas há um vasto número de histórias e lendas que são igualmente importantes e que descrevem também costumes e tradições da cidade.

Durante a pesquisa para este trabalho surgiram outras histórias como a “História da Nossa S.^a da Escadinha”, a “Lenda da Nossa S.^a de Vagos”, a “História de vida de

de Antónia”, a “Lenda de São Pedro e dos Irmãos”. Estas são outras histórias que ao longo do tempo sobrevivem e fazem parte da tradição e prática de costumes da cidade sendo também a herança cultural da região aveirense. Para tal, fica aberta a possibilidade de serem representadas outras lendas na coleção “Histórias de Aveiro” criando outros volumes do mesmo projeto.

Por fim, independentemente deste projeto ter sido criado com base na cidade de Aveiro, também não é ignorada a possibilidade de tratar outras regiões e cidades portuguesas. Portugal é sem dúvida um país cheio de história que espelham a sua cultura, cada região independentemente de ter características comuns, possui a sua própria identidade assim como variações de costumes, práticas tradicionais e crenças. Sendo assim, o projeto “Histórias de Aveiro” poderá ser levado ao resto do país, podendo representar outras regiões importantes sendo sempre o seu grande objetivo e pertinência divulgar os costumes, tradições e a cultura portuguesa.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, M. F. M. (2004) "Novo conto para crianças: J.E Agualusa e os seres sem exemplo", in forma breve Nº 1- Revista de Leitura O Conto- -Teoria e Análise, 109- 126. <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/174/146> [Acesso em : 29/10/2018]
- Almeida, J. A. (2002). Rota da Luz – Aveiro Portugal Traditional Folk Festivals. Aveiro: ELO- Publicidade, Artes Gráficas, S.A.
- Andrade, S. C. (2017). " A Ilustradora que coloriu o Portugal do século XX", in PÚBLICO <https://www.publico.pt/2017/01/18/culturaipsilon/noticia/a-ilustradora-que-coloriu-uma-imagem-do-portugal-do-seculo-xx-1758593> [Acesso em: 30/10/2018]
- Filipe, E. e Godinho, J. (2003) ILUSTRARTE- Bienal Internacional de Ilustração para a Infância- Bienal International Exhibition of Children's Book Illustration. Barreiro: Ver Pra Ler, Instituto Piaget
- Gaspar, J. (2012). A Princesa Santa Joana e a sua época (1452–1490). Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro
- Geraldo, A.F. e Carneiro, N.P. (2016). "A Cultura no Processo do Ensino e Aprendizagem da Educação Infantil", in Revista Saberes F.A.P <https://fapb.edu.br/por-que-a-fap/revista-saberes/especial/> [Acesso em: 10/05/2018]
- Grove, J. (2013). " Evaluating Illustration Aesthetically – Point for consideration for those new to the field", in Illustrators, <http://www.illustratorsillustrated.com/evaluating-illustration-aesthetically/> [Acesso em: 13/07/2018]
- Hladíková, H. (2014). "Children's Book Illustrations: Visual Language of Picture Books" in CRIS - Bulletin of the Centre for Research and Interdisciplinary Study, The Journal of Prague College, vol. 2014, Issue I, <https://content.sciendo.com/view/journals/cris/2014/1/article-p19.xml>, [Acesso em: 17/10/2018]
- Holder J. e Hodgkinson, P. (2012). Good Old Drawing – A Hundred Illustrators, Artist and Cartoonists Who Believe in Drawing. Londres: Haus Publishing
- Horst, J.S., and Houston-Price, C. (2015). "Editorial An Open Book: What and How Young Children Learn from Picture and Story Books", doi :10.3389/fpsyg.2015.01719
- Marques, J. M. (1985). Vamos Tratar o Folclore Pelo Seu Próprio Nome. Ovar: Museu de Ovar
- Marques, J. M. (1985). Vamos Tratar o Folclore Pelo Seu Próprio Nome. Ovar: Museu de Ovar
- Milo Winter. A biography of the illustrator, in Pook Press, <http://www.pookpress.co.uk/project/milo-winter-biography/> [Acesso em 13/03/2018]
- Nhung, P. T. H. (2016). "Folktales as a Valuable Rich Culture and Linguistic Resource to a Teach a Foreign Language to Young Learners", in International Journal of Education, Culture and Society, Volume 1, Issue 1, <http://www.sciencepublishinggroup.com/journal/paperinfo.aspx?journalid=214&doi=10.11648/j.ijecs.20160101.15>, [Acesso em: 03/10/2018]
- Oliveira, C. (2016). Ramiro e o Moliceiro (Entre a Ria e o Palheiro). Aveiro: Palimage
- Oliveira, S.A. (PHD). (2013). Identidade Cultural e ensino do Design no Amazonas (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23428/23428_1.PDF [Acesso em 14/09/2018]
- Pacheco, H. (1989). Aveiro- Ria, Mar, Terras e Gentes. Porto: Azevedo Rocha & Fernandes, Lda e LEMA- Cultura e Divulgação Regional
- Ribeiro, M.S.D. (2011) Do Desenho à Ilustração Infantil (Tese de Mestrado, Faculdade de Belas- Artes Universidade de Lisboa) <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6343> [Acesso em: 05/06/18]
- Ridley, A. (2014). "Books Without Words", in LOOK BOOK report <http://lookbookreport.com> [Acesso em 13/03/2018]
- Rose, B. (1992). Allegories of Modernism: Contemporary Drawing. Nova Iorque: The Museum of Modern Art
- Sarabando, J. (1997). Cagaréus e Cebolheiros – Aveiro- Usos e Costumes. Aveiro: Campos das Letras – Editores, S.A.
- Schröder, K. e Lahner (2015). Drawing Now. Viena: Hirmer Publishers
- Stout, C. (2014). Contemporary Drawing – From the 1960S to Now. Londres: Tate Enterprises Ltd
- Tormey, J., Selby, A., Sawdon, P., Marshall, R. e Sowns, S. (2007). Drawing Now: Between the Lines of Contemporary Art. Londres: I.B. Tauris & Co Ltd

Anexo I

História de Santa Joana Princesa

A presença da Princesa Santa Joana na cidade e Aveiro marcou toda a história quer da cidade quer do próprio Mosteiro de Jesus onde esta viveu.

Toda a sua vida e a sua devoção à religião cristã e à própria cidade de Aveiro é motivo de grande orgulho dos aveirenses e esta é considerada uma das histórias mais bonitas e motivo de culto de Aveiro.

Segundo João Gonçalves Gaspar, autor do livro *A Princesa S.ta Joana e a sua Época* (2012) devido a morte da Princesa S.ta que terminaria precocemente uma vida tão humilde e virtuosa, traumatizou o povo que se sentia protegido pela princesa. Mas independentemente disso, ficou o seu exemplo de pessoa de fé, bondade e amor, fazendo com que esta seja lembrada e motivo de reflexão após centenas de anos.

Santa Joana Princesa, filha do Rei D. Afonso V e de sua esposa, Rainha D. Isabel nasceu a 6 de fevereiro em 1452 em Lisboa. Tornando-se órfã da parte da mãe aos quatro anos de idade, cresceu num meio onde se preservavam as virtudes humanas e cristãs sendo estas muito presentes na dinastia de Avis. Desde cedo D. Joana dotada de uma grande beleza, quer física quer interior, procurou dedicar-se à cultura e à devoção a Cristo, desprendendo-se da vida boémia das grandezas e luxúrias da Corte. Esta dedicava o seu tempo a cultivar o seu sentimento por Cristo passando a maior parte dos seus dias no oratório a rezar, a penitenciar-se, escolhendo assim a sua vocação: dedicar-se à religião e tornar-se esposa de Cristo.

No entanto, independentemente de esta ter um irmão, o Infante D. João, vindo a ser este o futuro Rei de Portugal D. João II, não estava totalmente assegurada a linhagem e herança do trono. Naquele tempo era comum acontecerem doenças inesperadas ou tragédias em batalhas e caso acontecesse algo ao Infante D. João, D. Joana seria obrigatoriamente a primeira na linhagem de herança do trono. Sendo assim, o facto de D. Joana querer professar não era visto pela Corte nem pelo próprio povo português e a sua vida não iria ser de todo facilitada.

Certo dia, coincidindo com a volta vitoriosa de D. Afonso V pela conquista de Tânger, D. Joana com toda a sua inteligência e cheia de graça pediu a seu pai para a utilizar como oferenda a Deus pela sua vitória nas terras marroquinas e que esta se pudesse recolher num convento e dedicar a sua vida a Deus. Posto isto, mesmo contra todos, D. Afonso V, sendo uma pessoa, também, muito religiosa e devota, permitiu que sua filha, a princesa, se deslocasse para um convento, tendo-se esta recolhido, aos dezanove anos, no Mosteiro de Odivelas, das monjas bernardas. Contudo, o seu maior desejo era deslocar-se para o simples e humilde convento dominicano da Vila de Aveiro, o Mosteiro de Jesus. Após muita insistência por parte da princesa e contra a vontade de muitos, incluindo a de seu irmão, no dia 4 de Agosto de 1472 a princesa, finalmente, deu entrada no seu tão querido Mosteiro de Jesus podendo finalmente dedicar-se àquilo que mais amava. Nos primeiros tempos D. Joana esteve apenas instalada no

melhor quarto do convento e era tratada por Senhora, mas com o passar dos dias esta demonstrou a sua vontade de se tornar integrante do mesmo e, sem o consentimento de seu pai e de seu irmão, no dia 25 de janeiro de 1475 celebrou-se a cerimónia de tomada de hábito e assim D. Joana passou a ser tratada como "irmã D. Joana". A esta foram-lhe tirados todos os bens, como roupas e joias, substituindo as suas vestes pelo hábito dominicano, e foram-lhe cortados também os cabelos, renunciando assim aos atributos femininos. A partir daquele momento, a Princesa de Portugal era uma noviça no Mosteiro de Jesus vivendo para a fé em Cristo, praticando vários deveres religiosos e domésticos assim como a caridade e bondade para com os mais necessitados. No entanto, a notícia rapidamente se espalhou e chegou aos ouvidos do Reino e não foi bem recebida nem pela família Real nem pela Corte que rapidamente tentaram demovê-la e reverter toda a situação.

Ainda que preocupada com a situação em que se encontrava D. Joana confiando sempre em Deus nunca desistiu do seu sonho mas passados uns tempos, quando estava prestes a fazer a sua primeira profissão religiosa, adoeceu gravemente e não teve condições físicas para o fazer, deitando assim por terra todo o esforço dos últimos anos. Todavia, não desistindo do seu futuro dedicado a Deus, D. Joana decidiu então não abandonar o convento e mesmo não sendo freira viveria como tal praticando na mesma todas as atividades e deveres das mesmas, participando

nos atos litúrgicos dando exemplo na austeridade e aperfeiçoando-se na virtude como se tivesse feito um voto de profissão e obediência. Sendo assim, D. Joana dedicou-se então ao Mosteiro de Jesus abastecendo a biblioteca com livros em português e em latim, aplicando também os seus bens monetários na construção e enriquecimento do próprio mosteiro e igreja.

Independentemente de estar a viver como freira, D. Joana não fez o voto de castidade e começaram então a haver alguns projetos de casamento idealizados pelo seu pai, sendo um deles com Luís XI, Rei de França, no entanto acabando todos por cair por terra, ficando então sem efeito.

Com o passar de algum tempo o Rei Afonso V abatido com fracassos políticos e fisicamente esgotado acaba por falecer, em 1481, aos 49 anos de idade.

Desgostosa pela morte do pai que lhe era tão querido e pela subida ao trono de seu irmão D. João II, D. Joana temia pelo seu futuro no convento pois já não tinha o apoio e a compreensão de seu pai. Mas devido a um devaneio extra conjugal de D. João II nasce um filho bastardo que é encaminhado para o Mosteiro de Jesus, longe da Corte, para ser criado pela tia D. Joana. Sendo assim, o nascimento de D. Jorge vem tranquilizar o coração da princesa sabendo que enquanto cuidasse do sobrinho estaria segura no convento podendo fugir a futuras propostas ou projetos de casamento organizados pelo seu irmão. Contudo, D. João II sempre

pondo os assuntos do Estado e os interesses do Reino em primeiro lugar, surge com dois novos projetos de casamento para D. Joana com enormes propósitos para o Reino. O primeiro seria com D. Diogo, quarto Duque de Viseu e terceiro de Beja sendo este irmão da Rainha D. Leonor, acabaria por ficar sem efeito. O segundo, bem mais grandioso, seria então o casamento com Ricardo III, Rei de Inglaterra e tinha o propósito de unificar os dois Reinos. Reza a lenda que D. Joana sem qualquer forma de fugir ao irmão agarrou-se à sua fé e redobrou as suas preces e rezas a Deus e certa noite teve um sonho, neste dizia que o Rei Ricardo III tinha falecido e passados dias a notícia chega ao reino português provando a veracidade do sonho da princesa que nunca duvidou da sua fé e proteção de Deus. Os tempos foram passando e com o crescimento do príncipe herdeiro, o Infante D. Afonso, futuro Rei de Portugal, filho legítimo de D. João II, D. Joana pode sossegar e viver em austeridade claustral e fervor religioso demonstrando sempre toda a sua caridade e bondade aos mais desfavorecidos, dizendo-se que terá sido, muitas vezes, enganada por falsos necessitados que se aproveitavam do seu enorme coração. Mas certo dia acontece o pior e D. Joana adoece gravemente e após alguns meses de sofrimento acaba por falecer a 12 de Maio do ano de 1490 no Mosteiro de Jesus em Aveiro, aos trinta e oito anos de idade. Segundo consta, no decorrer do seu funeral quando o seu caixão passou pelo jardim que muito

cuidadosamente cuidara em vida, as flores que outrora floriavam caíam-lhe em cima, as árvores tombavam como se a própria Natureza chorasse a morte da princesa.

Vestida com o hábito dominicano, mesmo não sendo freira do Mosteiro de Jesus, o seu corpo foi então sepultado em campa rasa, no coro baixo do convento. Logo após a sua morte o povo de Aveiro começou a prestar-lhe culto e a denomina-la de Santa. Eram várias as pessoas que visitavam o convento em busca de ajuda, cura para doenças, rezando e utilizando alguns dos pertences ou até mesmo terra da campa de D. Joana, sendo-lhe então atribuídos alguns feitos e milagres.

A 4 de abril de 1693 foi então confirmado pelo papa Inocêncio XII o seu culto sendo esta beatificada nessa data. Já o papa Paulo VI, a 5 de Janeiro de 1965, constituiu-a oficialmente como padroeira da cidade de Aveiro, sendo esta já à muito aclamada como celeste protetora da cidade, junto de Deus, como fora em vida, lutando pela liberdade e direitos do povo.

Anexo II

História de S. Gonçalves

Na cidade de Aveiro, mais especificamente no bairro da Beira Mar existe um local de culto com grande referência da cidade: a Capela de S. Gonçalves, erguida em 1714. Padroeiro do bairro aveirense que deu origem a uma das maiores e mais conhecidas festas que decorre anualmente no início do mês de janeiro. Nessa festa é feito uma espécie de ritual que serve para pagar as promessas feitas a S. Gonçalves. Nessa atividade os aveirenses sentem muito carinho e gosto em participar nela. Esta consiste no lançamento de milhares de cavacas, um pão doce bastante rijo, do alto da capela. Quando lançadas as cavacas são apanhadas pelos populares que esperam ansiosamente por elas munidos de redes de pesca e guarda-chuvas. Curiosamente, S. Gonçalves não nasceu em Aveiro, no entanto é muito acarinhado pelos aveirenses. O seu nome verdadeiro é S. Gonçalo de Amarante e, em Aveiro, foi-lhe atribuído o diminutivo querido de Gonçalves. Independentemente de não haver qualquer registo da sua presença na cidade de Aveiro, muitos dos aveirenses dizem e acreditam que S. Gonçalves viera visitar as ilhas onde se encontravam isolados os doentes e que lhes lançava pão para que estes não passassem fome, ainda que de longe para não ser contagiado pela epidemia.

" Dos santos todos de Aveiro/
Desta terra, deste céu,/ S.
Gonçalves é sem dúvida/ O
santo mais cagaréu!..." (Amadeu
de Sousa, 1997, in Cagaréus e
Ceboleros p.81)

Sabe-se que S. Gonçalo nasceu em 1190 perto de Guimarães e faleceu em meados do século XIII em Amarante e que foi a partir da sua morte que começou a expandir-se o seu culto. Ainda que seja conhecido por santo casamenteiro, de velhas encalhadas, no bairro Beira Mar é-lhe atribuído o poder da cura de doenças ósseas e a resolução de problemas conjugais. Para além da tradição do arremesso das cavacas do alto da Capela de S. Gonçalves, há também um outro ritual dedicado ao santo curandeiro. Um grupo de homens que, fingindo de mancos e com problemas físicos, movem-se circularmente, dançando e cantando os versos da música " A Dança dos Mancois". Segundo João Sarabando no seu livro *Cagaréus e Ceboleros* (1997) S. Gonçalves é um diminutivo que traduz uma enorme ternura por aquele que invocam para a cura de doenças ósseas e outras aflições. Posto isto, independentemente deste santo- ainda que seja apenas considerado pela igreja como beato- não pertença diretamente à cidade de Aveiro, é adorado e muito acarinhado pelo seu povo e em seu nome é praticada uma das mais emblemáticas festas de Aveiro.

Anexo III

A “Dança dos Mancos”

Senhor S. Gonçalo,
arredai os bancos;
que eu quero fazer
uma dança de mancos.

Ai, sim, ai, sim/Ai, não, ai, não!

Quando os mancos
querem dançar
que fará aqueles
que sabem andar!

Ai, sim, ai, sim!
Ai, não, ai, não!
Santo da minha alma,
do meu coração!
Senhor S. Gonçalo,
minha mulher mente ;
eu durmo co ela
mas não sou contente.

Ai, sim, ai, sim/ Ai, não, ai, não!

Já lhe fiz a cama
na proa duma bateira,
mas, cum tudo isso,
“batedeiro” à cabeceira...

Já lhe fiz a cama
em bicos de vidro,
mas, cum tudo isso,
não quer dormir comigo...

Senhor S. Gonçalo,
da Rua do Vento,
tirai-me esta tosse,
senão arrebento...

Senhor S. Gonçalo,
sua rede basta;
ele tem uma potra
que enche uma canastra!

S. Gonçalo de Amarante
quer que lhe baile
o quer que lhe cante!...

Variantes

Senhor S. Gonçalo,
arredai os bancos,
que eu quero dançar
a dança dos mancos.

Ai, sim, ai, sim/ Ai, não, ai, não!

Senhor S. Gonçalo,
arredai os bancos;
que está para entrar
a dança dos mancos.

Ai, sim, ai, sim/ Ai, não, ai, não!

Quando os mancos
querem dançar,
que dirão aqueles
que podem andar!

Ai, sim, ai, sim/ Ai, não, ai, não!

Senhor S. Gonçalo,
esta mulher mente;
eu casei com ela,
mas não sou contente.

(Sarabando,1997, p.83 e 84)

Anexo IV

A Lenda do Moliceiro

Esta é uma lenda que surgiu para explicar de forma dita fantasiosa a origem dos barcos Moliceiros da Ria de Aveiro, dos Palheiros da Costa Nova e o sal da Ria de Aveiro.

Tudo começa com a história de um humilde pescador da Ria de Aveiro de nome Ramiro. Órfão de pai e mãe, foi criado pela sua madrinha, uma solteirona de farto buço mas de enorme e belo coração.

Certo dia, Ramiro vogava pelas águas da ria e ouviu uma doce melodia e seguindo aquele tão belo cantar deparou-se com uma jovem que parecia banhar-se nas límpidas águas. Certo é, que não se tratava de uma mulher normal mas sim de uma sereia. A sua beleza invejava qualquer princesa, de cabelos longos repletos de algas, pele sedosa da cor da areia da praia e olhos de cor verde-mar. Os seus braços eram compridos e esguios seguidos de mãos delicadas e finas que moviam a água em seu redor em gestos calmos e quase dançantes.

Mal Ramiro a olho, encheu-se de amor e pediu-a em casamento. A pequena sereia também enamorada disse-lhe que se sentiria muito feliz ao aceitar tal pedido, no entanto nunca iria poder casar-se com ele pois para além de ser uma sereia, estava prometida a um Tritão que a iria fazer muito infeliz.

Ramiro ripostou logo, dizendo que não se importava que ela fosse uma sereia prometendo-lhe uma casa metade em terra, metade na ria para os dois viverem e serem felizes. No entanto, a sereia acrescentou que o Tritão sendo tão malvado e feroz a mataria se

soubesse de tal coisa. A única forma de se casar com ele seria transformar-se em humana pois assim fugiria das águas e do horrível Tritão. Ramiro, cheio de esperança e após ter recebido conselhos da sua madrinha foi ter ao encontro da Tia Barbara, dita mulher de Ciência que possivelmente o conseguiria ajudar.

Sendo assim, no fim da tarde de um certo dia bastante chuvoso e de tempestade, Ramiro dirigiu-se à choupana perto do mar onde habitava a tal senhora. Após bater à porta e desta se abrir, deparou-se com uma velha, toda vestida de preto que lhe sorriu e convidou a entrar. Ramiro hesitou por breves instantes ao ver tal figura tão sinistra. De faces cor de terra, um lenço preto à volta da cabeça de onde saíam alguns cabelos brancos, nariz comprido e afiado e de olhos pequeninos encovados e engelhados. Mesmo assim, o corajoso Ramiro entrou e logo falou com a velha senhora. Tia Barbara, porém, já sabia qual o motivo de Ramiro ter ido ao seu encontro e começou logo a dizer-lhe o que teria que fazer. Para transformar a sereia numa mulher, Ramiro teria primeiramente que construir uma casa de madeira no sítio chamado de Costa Nova, pintando-a às riscas da cor que mais gostasse, alternando-a com branco para evitar o mau-olhado. Após terminada, teria que construir um barco e lançar-se à ria para pescar o reflexo da Lua com o objetivo de a trazer para dentro da casa da praia. No entanto, esta não o podia ver a fazer tal feito. Todo este processo teria que ser feito em total silêncio e caso isso

não acontecesse o feitiço seria quebrado e a sua amada ficaria para sempre nas profundezas das águas da Ria de Aveiro.

Foram precisos três meses para edificar a casa e preparar o baco ao que Ramiro tinha colocado na parte superior um acrescento em forma de quarto crescente, o que, cobrindo-o não o deixaria ver a Lua nem vice-versa. Dando-lhe o nome de Moliceiro. Numa noite de Lua Cheia, Ramiro lançou-se às águas da ria no seu Moliceiro e foi ter até onde o astro se refletia, atirou cuidadosamente as redes e foi puxando até ter a bola branca brilhante a sair das águas. Após colocar a lua dentro do barco dirigiu-se à praia para a colocar dentro do palheiro às riscas e terminar o feitiço. Estava tudo a correr bem até Ramiro colocar os pés na areia e sem querer pisar uma gaivota que lá repousava. Esta levantou voo e grasnou com medo e quando o grito da ave ecoou na noite o feitiço foi quebrado e tudo ficou perdido. Com tamanha tristeza e totalmente desolado o pescador deitou-se numas covas do outro lado da ria e chorou durante mil dias e mil noites sem parar. As lágrimas foram tantas que encheram as covas e o Sol, secando a água, transformou-as em sal, nascendo assim o famoso Sal da Ria Aveiro. Segundo Conceição Oliveira no seu livro *Ramiro e o Moliceiro: Entre a Ria e o Palheiro* (2016) ainda hoje podemos ver as lágrimas de Ramiro transformadas em montes de sal, à volta da Ria (...) o palheiro serviu de modelo a todos os pescadores da Costa Nova (...) O Moliceiro, essa bela embarcação em madeira, continua a mostrar-nos a mesma proa em forma de quarto crescente.

Anexo v

O Projeto *Histórias de Aveiro*- Fotos Packaging



O Projeto *Histórias de Aveiro*- Fotos Livros



O Projeto *Histórias de Aveiro*- Fotos Livros- *Ramiro e o Moliceiro*



O Projeto *Histórias de Aveiro*- Fotos Livros- *Princesa Santa Joana*



O Projeto *Histórias de Aveiro*- Fotos Livros- São Gonçalinho



